

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

KELLI CRISTINA DE OLIVEIRA SOUZA

Das Inocentes Bagatelas ao Pior dos Crimes: O Feminino Como
Móbil da Ação Trágica em *Macbeth*.

PONTES E LACERDA – MT
2013/1

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

KELLI CRISTINA DE OLIVEIRA SOUZA

Das Inocentes Bagatelas ao Pior dos Crimes: O Feminino Como Móbil da
Ação Trágica em *Macbeth*.

Monografia apresentada ao Departamento de Letras da
Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus
Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial
para obtenção do título de graduada em Letras. Sob
orientação do Professor Doutor Helvio Moraes.

PONTES E LACERDA – MT

2013/1

ESTA MONOGRAFIA FOI APRESENTADA E DEFENDIDA
PERANTE A SEGUINTE BANCA

ORIENTADOR: Prof. Dr. Helvio Moraes

Prof.Ms. Ricardo Marques de Macedo

Profª. Ms. Vanderluce Moreira Machado Oliveira

Aos meus pais Leila e José, tudo que sou é graças a vocês.

Agradecimentos

*I can no other answer make but thanks,
And thanks; and ever thanks.
Shakespeare (Twelveth Night)*

No palco da vida deparamo-nos com muitas pessoas que de um modo ou de outro, marcam nossas vidas. Dedico este trabalho àqueles que tem feito de minha existência um caminho cheio de luz e alegria.

A Deus minha maior gratidão por ter proporcionado tamanho desafio e alegria em minha vida.

Agradeço o apoio de colegas e amigos que compartilharam comigo deste projeto, cada um com sua singularidade.

Agradeço ao meu orientador, Helvio Moraes, que durante este trajeto soube ser paciente com as minhas limitações, me direcionando sempre de forma delicada, rigorosa e precisa.

Agradeço ao meu noivo Ramão que amorosamente acompanhou todos os passos rumo à conclusão deste curso, obrigado pela riqueza de sentimentos que me fez conhecer ao seu lado.

Uma extrema gratidão ao meu Amigo e Companheiro de jornada Almir que sempre, colaborou lendo incansavelmente cada página deste trabalho e, com sua sensibilidade, visão e conhecimento, sugeriu modificações sempre oportunas e enriquecedoras. Agradeço com carinho à sua energia renovadora, que me deu impulso revigorante no final deste estudo, sem você não teria chegado até aqui. Obrigado, sua amizade é a melhor conquista que tive na Universidade.

A minhas amigas Rejane, Leila e Sabrina, obrigado por estarem comigo sempre quando precisei, vocês são especiais, compartilhei com vocês uma das melhores alegrias da minha vida que foi conhecer Tainá e Ana Julia.

Aos amigos de graduação com que compartilhei momentos únicos e inesquecíveis nestes anos, Nayara, Dâmaris, Vanessa, Valquíria, Rosana, Adriana, Nandara, Fabíola, Wellington e tantos outros colegas que no decorrer da convivência se tornaram grandes amigos, que quero levar a longos anos. Obrigado por compartilharem comigo momentos gloriosos.

Agradeço a minha amiga de longa data Reysilla, que mesmo morando em outro país sempre esteve comigo compartilhando dos meus projetos e sonhos, é uma honra ter sua amizade nestes últimos 12 anos, você é mais que uma amiga é minha irmã.

Quero agradecer aos membros componentes da Banca Examinadora e a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste trabalho.

Enfim, agradecer à minha família pela força, proteção e carinho, em especial, de meus pais José e Leila, pessoas maravilhosas, tudo o que sou é graças a vocês, mesmo com tantas limitações sempre me ajudaram na minha caminhada, esta conquista é para vocês. Obrigado por serem os melhores pais que eu poderia ter, tenho orgulho de vocês e em todos os momentos que pensei em desistir foi por vocês que eu continuei.

E por fim quero agradecer mais uma vez a Deus, que pôs todas estas pessoas em meu caminho.

*A maior riqueza do homem
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como
sou - eu não aceito.
Não agüento ser apenas um
sujeito que abre
portas, que puxa válvulas,
que olha o relógio, que
compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora,
que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de Barros

Sumário

Resumo	08
Introdução	11
Capítulo 01: Situando a discussão: Macbeth no contexto literário, teatral e político inglês.....	12
Capítulo 02: O Casal Macbeth: do triunfo à derrocada.....	21
1 – Inversão de Papeis Sexuais e Influência do Feminino	21
2 – Lady Macbeth	25
3 – As Bruxas	35
Capítulo 03: Um oceano de sangue que se alastra: A irradiação do Mal no Corpo político.....	40
Considerações Finais	50
Referências bibliográficas.....	53

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo lançar um olhar sobre a presença do feminino e o papel relevante que desempenha na obra *Macbeth* (1606) de William Shakespeare, tendo em mente, sobretudo, a personagem de Lady Macbeth, mas também as das *Estranhas Irmãs* e a de Hécate, como fatores preponderantes para as ações do herói Macbeth. *Macbeth* gira em torno do protagonista que leva o nome da obra, um general que após ser considerado herói, por sua desenvoltura em guerra, recebe do rei Duncan, da Escócia, o título de barão de Cawdor. Macbeth, no início da peça, ouvirá das três *Estranhas Irmãs* o vaticínio de que se tornaria rei. Após tal profecia, com o incentivo e ajuda de sua esposa Lady Macbeth, planejam o assassinato do rei Duncan, e com sua morte, Macbeth torna-se rei. O elemento feminino tem, portanto, um papel decisivo ao longo da tragédia. O sobrenatural se faz presente em toda obra, agindo como meio de intensificar os conflitos dos personagens e suas ações. Abordaremos ainda a forma como a influência desse elemento feminino se faz perceber no quadro sociopolítico em que as personagens se encontram inseridas.

Palavras chave:

Personagem trágica; elemento feminino; Shakespeare; *Macbeth*

Abstract:

This work aims to cast a glance on the presence of femininity and the relevant role that it performs in William Shakespeare's *Macbeth* (1606), having in mind mainly Lady Macbeth's character, but also the Weird Sisters and Hecate, as preponderant factors for the actions of the hero, Macbeth. *Macbeth* revolves around the protagonist who takes the name of the work, a general who, after being considered a hero for his resourcefulness in war, receives from king Duncan of Scotland the title of baron of Cawdor. Macbeth receives, in the beginning of the work, from the Weird Sisters the prediction that he would become the king. After such prophecy, with the encouragement and help of his wife, he plans to murder king Duncan, and with his death, Macbeth becomes the king. The female element therefore has a crucial role during the tragedy. The supernatural is present in the entire work, acting like a means of intensifying the conflicts of the characters and their actions. We will also approach the way how the influence of this female element makes itself felt in the sociopolitical frame in which the characters are inserted.

Keys-word:

Tragic character; Female element; Shakespeare; Macbeth

INTRODUÇÃO

Intentamos, neste estudo, lançar um olhar sobre a presença do feminino e o papel relevante que desempenha na obra *Macbeth* (1606) de William Shakespeare, tendo em mente, sobretudo, a personagem de Lady Macbeth, mas também a das *Estranhas Irmãs* e a de Hécate, como fatores preponderantes para as ações do herói. O que daí se depreende é que nosso intento está ligado a considerações acerca de tais figuras, bem como a sua movimentação nesta peça. Por outro lado, pensando principalmente em Lady Macbeth, também nos atentamos para o despertar de uma personagem que em suas ações não se restringe pela sua condição de mulher, pois se em primeiro plano poderíamos depreender que uma personagem desta natureza contrair-se-ia num espaço reservado de atuação, na peça shakespeariana ela exerce um papel significativo no desenrolar da trama, assim como desperta reflexões sobre a constituição de um “gênio mau” nos seres humanos.

Os protagonistas de Shakespeare, em sua maioria, são masculinos, mas as personagens femininas tem muito destaque nas obras, tais como Lady Macbeth, Julieta, Cleópatra, Desdêmona, Ofélia e tantas outras personagens que brilham na escrita do Bardo inglês. Estudos recentes tem reavaliado a questão das personagens femininas na obra shakespeariana. Em vários de seus textos, além de conferências e aulas, Harold Bloom nos chama a atenção para uma concepção já moderna na caracterização e desenvolvimento de algumas protagonistas femininas, em radical contraste com sua representação medieval. Julieta desafia todos os valores da tradição ao tomar para si a liberdade de viver um amor, fruto de sua própria escolha. A Cleópatra shakespeariana é uma rainha no pleno sentido da palavra. As comédias também estão cheias de exemplos semelhantes. Para citarmos apenas um exemplo, Beatriz (de *Muito Barulho Por Nada*) é dotada de uma inteligência muito superior a qualquer outra personagem da peça, a ponto de orientá-la para sua feliz conclusão. Em nosso caso, Lady Macbeth possui uma força de vontade e persuasão superiores a de seu esposo, o que a faz, até certo ponto, ser responsável pelas ações que desencadeiam a crise na tragédia. Porém, mais do que um estudo de “personagens femininas”, buscamos compreender como a presença de um elemento feminino condiciona e põe em movimento as ações do herói trágico e suas consequências no quadro sócio-político criado na peça. É a esse aspecto que se refere o título que demos a nosso estudo, inspirado em uma fala de Banquo, quando afirma que as “agentes das trevas captam-nos com inocentes bagatelas por afundar-nos nos piores crimes” (SHAKESPEARE, I, iii).

CAPÍTULO I

Situando a discussão: *Macbeth* no contexto literário, teatral e político inglês

William Shakespeare escreveu *Macbeth* entre 1605 e 1606, em pleno período de maturidade artística, o que a torna, aos olhos de boa parte da crítica, a mais perfeita de todas as peças do dramaturgo, em termos de linguagem teatral e de economia, assim como de densidade dramática.

Há rumores/indícios de que *Macbeth* tenha sido feita por encomenda, para ser representada na corte do Rei Jaime I, que unificou as coroas da Inglaterra e Escócia ao suceder Elisabeth I. Durante o reinado da rainha Elizabeth I, a Inglaterra vivia momentos gloriosos. Ela favorecia o desenvolvimento cultural do país, a ponto de toda a produção teatral do período vir a ser conhecida como teatro elisabetano. Nesta época, Shakespeare tinha uma companhia de teatro denominada de “Lord Chamberlain’s Men”, e após a morte de Elizabeth I em 1603, quando Jaime I assumiu o reinado da Inglaterra, a companhia passou a se chamar “King’s Men” (Homens do Rei). Em inúmeras ocasiões especiais, era solicitado que ele apresentasse à corte suas peças. Shakespeare escolheu abordar a temática da bruxaria entre outros motivos, provavelmente para captar os favores do rei Jaime I. Tal hipótese pode ser levada em consideração pelo fato do rei ser um admirador do tema, chegando a escrever o diálogo *Daemonologie* (1597). Várias idéias contidas no diálogo, como a de que o demônio, por meio de seus emissários, urde embustes para a perdição do homem, entre outras, fazem-se perceber com clareza ao longo do enredo. Outras fontes sugerem ainda que o personagem de Banquo, a quem as bruxas prevêm uma linhagem de reis, seria da mesma dinastia do rei Jaime I, a dinastia dos Stuarts. Banquo surgiria na peça como um personagem para representar a família de Jaime I. Como veremos, sua lealdade, seu senso de justiça, o caráter íntegro, serão um contraste ao modo como se caracteriza a personagem de Macbeth. Além disso, a representação da forma mais cruel de tirania em Macbeth servirá como um contraste à promessa de uma futura dinastia repleta de excelentes monarcas, nascidos de Banquo, um elogio implícito (ou uma propaganda velada) ao governo de Jaime I.

Shakespeare escreveu sua obra no Renascimento, período este que foi marcado por transições e profundas mudanças em todos os aspectos da vida social, bem como em relação ao conhecimento da humanidade. Em suas obras, são discutidos pontos centrais da vida inglesa às vésperas da era moderna, apresentando conflitos, adversidades de idéias e questionamentos sobre valores morais e éticos. A criação poética de Shakespeare marca um momento de mudanças no pensamento ocidental (ou o registra de forma ficcional, período visto pela historiografia como o de uma ampliação de conhecimentos e formação de um novo pensamento, com a valorização do homem, seguindo a fórmula de Protágoras, em que o homem passa a ser a medida, o que abala a visão teocêntrica do mundo, assim como certos conceitos pré-estabelecidos, que são questionados ou deixados de lado. O humanismo, entendido como um movimento intelectual dentro desse espaço maior, buscava as questões relativas ao homem, não mais tendo como ponto de referência uma autoridade absoluta e divina. Este período também foi marcado por um forte nacionalismo e, com a rainha Elizabeth I no poder, este sentimento prosperou. Neste momento, registra-se uma busca por novas perspectivas, idéias e interpretações da realidade vivenciada. Nas peças de Shakespeare, seus principais personagens são lançados em situações que problematizam as contradições desta época de transformações, em que homens e mulheres se opõem aos valores convencionais e agem conforme sua convicção individual.

O teatro de Shakespeare não tem o cunho religioso do teatro medieval. Sua obra problematiza a dimensão política da época moderna, despida de caráter religioso e acrescida de novos conteúdos. Como afirma Kott (2003, p. 38), “a grandeza do realismo de Shakespeare é que ele sabe perceber o quanto os homens estão comprometidos na história”. As personagens deixam de ser alegóricas e passam a ganhar em dimensão psicológica, particularizante, no sentido de apresentarem, em toda sua complexidade, um caráter próprio, definidor da ação trágica, ao enfrentarem uma situação, esta também, bastante particular. Particulares também são os cenários em que ambienta suas peças, que transitam em diversos países desde a Dinamarca de Hamlet, a Itália de Otelo e a Escócia de Macbeth, por exemplo, ainda que, na verdade, todos esses cenários possam ser vistos como espelhos à Inglaterra. De qualquer forma, são diversos cenários e enredos que dão início ao teatro moderno. Heliodora (1998, p. 99) afirma que:

É esse homem, medida de todas as coisas, esse homem que não tem mais um lugar tão fixamente definido entre anjos e animais, numa terra em torno da qual girava o universo, esse homem feito de dúvidas, incertezas, indagações,

porém cada vez mais obrigado a responder por seu destino, esse homem que finalmente, na Renascença, assumiu o livre arbítrio que o cristianismo lhe imputara, e que será o protagonista perfeito para a tragédia elisabetana.

O Bardo inglês viveu em uma época propícia para a inovação do teatro na Inglaterra. A rainha Elisabeth I incentivava o teatro e o cenário do momento era adequado para rupturas no formato do teatro clássico. Para Heliadora(2008, p. 13), “o segredo do teatro elisabetano foi ter aproveitado o melhor de dois mundos, misturando a ação do teatro popular e a forma do teatro romano”. Como veremos, no caso em questão, isso talvez explique o poder de atração das falas das bruxas sobre o público, de forte característica popular (algumas passagens do diálogo de Jaime I exploram também essas imagens de ritos iniciatórios, de pactos demoníacos, de caracterização dos praticantes do mal, que, na verdade, ganham um colorido oriundo das crenças populares).Shakespeare conhecia bem o público elisabetano para o qual escrevia e este público era variado. Ele proporcionava a esta platéia uma obra diversificada, em cenas carregadas de emoção, ação, sangue, humor, dança e poesia, ao lado de momentos absolutamente introspectivos, cheios de reflexões profundamente filosóficas,causado efeitos únicos. Sobre o avanço do dramaturgo inglês, Barbara Heliadora (2008, p.26) afirma:

Shakespeare evoluiu, e muito, em sua dramaturgia. As primeiras peças são dominadas pelo sucesso que fazia, no momento, a poesia, principalmente lírica; (...). Com o tempo um pensamento pode ocupar vários versos, e a prosa adquire importância dramática significativa.

Na obra de Shakespeare o ser humano não está sujeito aos desmandos divinos, está muito mais ligado à própria situação do homem no mundo, seus modos de agir e se comportar nele, às formas como o ambiente político e suas “tempestades” atingem a vida do herói e, conseqüentemente (porque em Shakespeare, há uma espécie de vínculo simpático que a todos une), o destino de uma inteira comunidade política. A este respeito Agnes Heller (2005, p. 20) revela que:

(...) Shakespeare dificilmente menciona a ordem cósmica. À ordem cósmica foi dada pouca importância. Shakespeare tampouco criou um espaço ou uma ordem metafísicos. Seu senso de ordem, particularmente seu senso de ordem espacial, está mais próximo do Renascimento do que do Barroco. Sua visão trágica não é apocalíptica, mas estritamente histórica. Eventos incomuns e ameaçadores, catástrofes naturais ou irregulares, como tempestades e abortos, são frequentemente lidos pelas personagens shakespearianas como

sinais de males políticos presentes ou *indícios* de uma futura mudança histórica, mas não têm nenhuma implicação cósmica. **(grifos da autora)**

Se não entendidas como representação das visões cósmicas do mundo, as peças escritas pelo dramaturgo inglês trazem à cena estratégias composicionais que dizem simbolicamente de uma dimensão sociopolítica e histórica. Neste tocante, há de se perceber os vários trabalhos que asseguram as pesquisas de Shakespeare às fontes históricas a fim de erigir suas peças. Mais especificamente em *Macbeth*, peça que circunscreve seus acontecimentos ao reino escocês, a pesquisa às fontes históricas escocesas tinha o objetivo de “(...) encontrar o rei ou o reino por meio do qual lhe seria possível dizer o que queria e, a partir dessa base, manipulou os fatos segundo suas necessidades, já que o que escrevia não era história, e sim teatro” (HELIODORA, 2004, p. 07). É possível perceber que várias coisas queria dizer o Bardo. Acima, já consideramos alguns motivos de caráter mais pragmático e imediato que provavelmente levaram o dramaturgo a escolher como fonte a história de um obscuro Macbeth histórico. Contudo, o tema do bom governo e a questão da legitimidade do poder são centrais em seu pensamento. Se *Romeu e Julieta* pode ser vista como um estudo dos males da guerra civil, *Macbeth* traz uma análise profunda dos horrores do governo tirânico, de todos os sistemas de governo fundados sobre a opressão, a violência e o medo, a ponto de parecer antecipar a imagem dos poderes totalitaristas e fascistas do século XX, como quer Jan Kott (2003). Contudo, detido em certo ponto a um caráter historicista, o trabalho criativo implicado no vasto conjunto trágico de Shakespeare não pode ser reduzido a uma mera codificação descritiva de fatos cronológicos, pois, como salienta Heliodora, o que havia na relação entre a pesquisa histórica e a sua utilização na constituição dos textos ficcionais era única e exclusivamente a necessidade do autor. Por esta necessidade, a reordenação e, conseqüentemente, a manipulação de suas fontes era um constitutivo das estratégias escriturais.

Se, por um lado, o elemento político é forte na dramaturgia shakespeariana, é preciso atentarmos também para a construção das personagens. Bloom (2000) ressalta a inovação de Shakespeare, pois seus personagens se destacam pela transformação, pelo fato de se recriarem. Segundo Bloom, nenhum outro autor havia desenvolvido esta técnica literária. Os personagens não divergem com os deuses, mas entre si mesmos e com eles mesmos.

A. C. Bradley (2009, p. 7) afirma que “A tragédia elisabetana assenta-se sobre a idéia de que as catástrofes e calamidades provêm da própria ação humana”, diferente da tragédia grega, na qual os personagens eram designados pelas forças dos deuses que decretavam sobre seu destino. Burges(2002, p. 60) afirma que “A tragédia elisabetana, principalmente a de Shakespeare, pressupõe, por sua vez, um herói em pleno poder do livre-arbítrio”. A obra se inicia com uma previsão, mas tudo ao contrário das tragédias gregas, em que as previsões eram negativas, como em Édipo, em que o oráculo revelava que ele mataria o pai e se casaria com a mãe. Em Macbeth, as previsões são boas, pois as bruxas revelam que ele se tornaria rei. Diferentemente da tragédia grega, em que o herói (Édipo, por exemplo) tenta fugir de seu destino, mas não consegue, o herói de Shakespeare, pelo contrário, persegue e deseja o que lhe foi revelado, mesmo sabendo o que terá que fazer para obter o que lhe foi profetizado. O responsável pelos acontecimentos e pelo rumo trágico é o próprio Macbeth, pois ele fez sua escolha. O herói buscou a consumação dos fatos revelados/previstos a ele e provocou os acontecimentos com suas próprias mãos. Diferentemente de Édipo, que não teve culpa, pois seu destino já estava escrito por mais que ele tentasse fugir, ele não conseguiria se livrar de sua sina cruel. Na tragédia grega, o herói é subordinado ao próprio destino e não tem como fugir. Em Shakespeare, o destino não é pré-estabelecido, ele é resultado da escolha do herói. Escolha que ocorre pela interferência do que, no âmbito deste trabalho, chamaremos de “elemento feminino”, estando presente já na cena de abertura da tragédia, pela estranha influência das *WeirdSisters*, mas que talvez tenha em Lady Macbeth sua expressão mais contumaz: “Sob minha incumbência o grande empreendimento desta noite nos trará, a todas as nossas noites e dias por vir, controle incontestado, único, domínio soberano.” (SHAKESPEARE, 2004, p. 27).” O herói aceita o plano de sua esposa e faz essa escolha conscientemente. Porém, sofre com as consequências, sua consciência não o deixa em paz. Ele ouve uma voz, “Dormir, nunca mais! Macbeth não mais dormirá (*Ibidem*, p. 40)”. Em seguida ele diz: “Tenho medo de pensar no que fiz (*Ibidem* p. 41)”. Conforme a concepção de Bradley (2009, p. 3), “a tragédia shakespeariana é uma história de sofrimento e calamidade que conduzem à morte do herói”. Para Heliadora (2001, p. 93) “a tragédia apresenta um processo de conscientização de um indivíduo, tanto em relação a si mesmo quanto em relação ao universo em que existe, atingido por intermédio de uma vivência dolorosa que o compele à reavaliação e o conduz à morte.” Macbeth paga pelo seu ato criminoso e não pode fugir da própria consciência. Sendo assim, mais do que na tragédia grega, a

culpa trágica pode ser atribuída, em *Macbeth*, às falhas de seu caráter, ou algo que se aproxime do que Lesky define como “culpa moral”, que induz a sua queda. Não existe força sobrenatural ou um destino pré-estabelecido de antemão para ele, que tem o livre arbítrio para poder escolher. O conceito de livre arbítrio que surgiu na tragédia elisabetana foi influenciado pelas obras do filósofo Sêneca, cujos personagens agiam conforme suas paixões em diversas situações. Deste modo, o livre arbítrio se impõe diante da subordinação ao destino. *Medéia* de Sêneca é uma personagem dominada por suas emoções, e sua obsessão a conduz à ruína total. Nas peças de Shakespeare, essa obsessão é encontrada em alguns personagens, como Macbeth, que busca o poder e Othello, em sua vingança cega pela suposta traição de Desdêmona. Estes personagens são destruídos por suas obsessões. Shakespeare tem a capacidade de expor, com um brilho poético, os conflitos internos do ser humano.

Nesta peça que tomamos como objeto de estudo, o tema principal, como em boa parte das obras de Shakespeare, é a luta/busca pelo poder. Macbeth, que é um nobre escocês tido por herói dentro da corte de seu país, é avisado por três bruxas, que lhe aparecem e lhe fazem o presságio de que ele se tornaria barão de Cawdor e no futuro ganharia o título de rei. Para Banquo, o amigo que acompanha Macbeth, elas revelam que seu filho seria rei. Após as aparições das bruxas, Macbeth é informado que o rei Duncan o nomeou como Barão de Cawdor. As bruxas, na peça, têm um papel de destaque, pois são os presságios que elas fazem que dão início a obra. Essas bruxas são subordinadas à deusa Hécate, nomeada na peça como “rainha das feiticeiras”. Macbeth é aclamado como um grande general, sua força e bravura nas batalhas ecoaram pela Escócia, cobrindo-o de honrarias, como o título de Barão de Glamis, recebido pouco antes da aparição das bruxas. O presságio desconcerta-o e o faz sonhar com o mais alto grau de honraria de um militar. Surge então um desejo pela coroa, ainda implícito, mas que, aos poucos vai se avolumando e logo será plenamente despertado;

Se estivesse terminado assim que fosse feito, então seria bom que fosse feito num zás. Se o assassinato pudesse manear suas consequências e agarrar, com o próprio fim, seu sucesso! Se esse golpe pudesse ser o tudo necessário para o fim de tudo! Aqui, e somente aqui, nesta vida, um tempo que não é mais que um banco de areia nos mares da eternidade, abriríamos mão da próxima vida. Mas, para esses casos, ainda temos julgamentos aqui, com os quais damos sangue dentas instruções, que, recém-apreendidas, acham o caminho de volta, para atormentar seu próprio inventor. Essa justiça equilibrada, imparcial, prescreve e recomenda para nossos lábios os ingredientes do nosso cálice envenenado. Ele aqui se encontra sob dupla

salvaguada: primeiro, sou dele parente e súdito, duas fortes razões contra tal ato; depois, como seu anfitrião, devo fechar meus portões a seu assassino, e não empunhar eu mesmo a adaga. Além do que, esse Duncan sempre vestiu seu manto real com tanta humildade, sempre tão honrado em suas decisões de governante, que suas virtudes passarão a defendê-lo como anjos, com o alarido de trompetes, contra a abismal danação de seu assassinio. E Piedade, como uma criança recém-parida e ainda nua, transporá o som dos metais, ou então o querubim do Paraíso, montado sobre as invisíveis correntes de ar, soprará o horrendo ato dentro de cada olho, até que as lágrimas tenham afogado os ventos. Não tenho esporas com que ferir os flancos de minha intenção, e minha única montaria é esta Ambição exagerada, desejosa de saltar por cima de si mesma, só para tropeçar no outro lado. (SHAKESPEARE, 2004, p. 30-31)

Neste monólogo Macbeth demonstra a consciência de sua maldade ao pensar em cometer o ato maléfico. Mas não tem “esporas” que firam os flancos de sua intenção. Sua esposa as tem.

Quando Macbeth envia a mensagem de que o rei chegará à noite em sua casa e que ficará até o amanhecer do outro dia, ela diz então: “Ah, nunca, jamais o sol verá esse amanhã” (*Ibidem*, p. 26). E ainda salienta que ele não se preocupe, pois ele deve apenas manter uma expressão tranquila e deixar o resto com ela. Quando ela obtém a informação da presença do rei, arma a estratégia do assassinato e comunica ao marido que titubeia, dizendo: “Não vamos prosseguir com este plano” (*Ibidem*, p. 31). Ele sente medo em pensar no que irá fazer e Lady Macbeth, que possui a persuasão em suas palavras e foco em seu objetivo, provoca o marido: “Levas a vida como um covarde, não é mesmo?” (*Ibidem*, p. 31). Ela possui força de vontade mais intensa e interfere diretamente na escolha e ações de Macbeth que, quando pensa em desistir, é provocado e instigado a concluir e agir para conseguir a coroa. Após matar o rei, Macbeth, consciente da responsabilidade de seus atos, sente culpa. Ele fica atordoado, mas é Lady Macbeth que está ao seu lado para devolver-lhe a voz da razão nas vezes em que ele tenta recuar, ou sente medo. Ela está ali do seu lado para lembrá-lo do objetivo de conseguir o trono e de mantê-lo.

Aos poucos, a imagem de homem honrado e respeitado por seus atos heróicos e de bravura vai sumindo na obra. Macbeth, que tinha o respeito dos amigos, um título de nobreza e uma boa esposa, vai transformando-se em um homem solitário, sem amigos, isolado e que perde sua companheira de forma trágica. Lady Macbeth instiga o marido desde o dia em que recebeu a carta com a história do presságio das bruxas. Ela planeja o assassinato do rei quando ele vai passar a noite em sua casa. É Macbeth quem deve cometer o regicídio, mas ele se amedronta e é ela quem o convence a cometer o

assassinato. Sua força é excepcional, ela é quem domina e assume o controle da situação, mas, logo após a morte do rei Duncan, ela enfrenta as consequências de seus atos, e quando percebe o risco de perder a coroa é ela mesma quem resolve insurgir contra sua própria vida. Macbeth, ao assumir o poder, se mostra sanguinário e violento. Quando assumiu o trono, sua preocupação era com a vida de Banquo, pois as bruxas tinham revelado que seu filho se tornaria rei. Para conseguir manter a coroa, ele manda matar Banquo e seu filho, contratando três assassinos para acabar com a ameaça representada pelo general. Quando Macbeth é informado do assassinato de Banquo e a fuga de seu filho, sua paz termina, o filho que escapou era a representação de maior perigo a seu trono, sendo que após tal acontecimento ele começa a ser assombrado pelo fantasma de Banquo.

O primeiro indício da loucura de Macbeth ocorre no banquete que oferece logo após sua coroação, quando ele tem uma visão do fantasma de Banquo. Ele se descontrola e é Lady Macbeth quem contorna a situação e repreende seu marido por sua fraqueza: “Mas que asneira! Isso é um quadro que pintaste com as tintas do teu medo. (...) Toma vergonha na cara!”; como Macbeth insiste em suas visões, ela dispara: “O quê? Totalmente desvirilizado nessa tua loucura? (...) Que vergonha!” (*Ibidem*, p. 72-73). Depois desta cena, ela retorna somente no quinto ato, quando já aparece doente, sendo observada em seu sonambulismo pelo Médico e pela sua Dama de Companhia e em um monólogo no qual ela começa a lembrar e falar sobre os atos do dia do assassinato do rei e imaginar sua mão com sangue, num estado em que não consegue se livrar deste tormento:

Sai macha maldita! As, estou dizendo.(...) Aqui está, ainda agora, este fedor de sangue. Nem todos os perfumes da Arábia conseguirão perfumar esta mãozinha. Ai, Ai, Ai... (...) Para a cama, para a cama! Alguém bate à porta. Vem, vem! Vem de uma vez, dá-me tua mão. O que foi feito não pode ser desfeito. Para cama, para cama, para cama! (*Ibidem*, p.114)

Neste momento, sua insanidade já se mostra devastadora e estas são suas últimas palavras. Ela some de cena e Macbeth só é comunicado de sua morte no início da quinta cena do mesmo ato. A causa de sua morte só é revelada no final da peça quando Malcolm, já como o novo rei, faz o seguinte comentário sobre ela: “Diabólica rainha, (como se acredita) por suas próprias e violentas mãos despediu-se desta vida”. (*Ibidem*, p.133). Esta é a única menção sobre seu suicídio. Em suma, Lady Macbeth

havia se iludido com o poder, o que faz parte da crítica shakespeariana apontar como um dos motivos o de ter sido relegada pelo marido ao segundo plano. Por outro lado, ao conseguir o poder, ela se perde emocionalmente e não consegue enfrentar as consequências de seus próprios atos.

Nossa pesquisa abordará as características dos personagens e enfocará a presença feminina que possui forte influência nos atos de Macbeth. Lady Macbeth age e movimenta toda a ação de seu marido na peça, até que ela chegue ao seu limite e a culpa a consuma, levando até à morte. Macbeth, personagem que leva o nome da obra, é um general que trai seu rei para usurpar a coroa, e os motivos que o levam a cometer tal ato será discutido, pois ele não busca a coroa apenas para obter poder, ele busca também o poder para se auto afirmar como homem, pois Lady Macbeth o questiona e o desafia a provar sua hombridade e, em sua mente, matar o rei Duncan pode ser uma forma de prová-la. Macbeth é sempre instigado por um espírito feminino, seja por Lady Macbeth ou pelas *Estranhas Irmãs*, a influência feminina age na peça tentando interferir nas escolhas de Macbeth. As bruxas fazem um jogo de linguagem para convencê-lo de suas previsões, e ele necessita delas para ter coragem e acreditar que nada pode detê-lo. É como se elas representassem a confirmação de suas vitórias, dizendo sempre o que ele quer e precisa ouvir para prosseguir com seus atos cruéis.

CAPÍTULO II

O casal Macbeth: do triunfo à derrocada

*Tão feio e tão lindo, dia assim eu nunca
tinha visto (SHAKESPEARE, 2004, p. 13)*

1 – Inversão de Papeis Sexuais e Influência do Feminino

Com um fundo histórico, mas obviamente se distinguindo consideravelmente das peças históricas, o enredo de *Macbeth* é estruturado nas adjacências do poder monárquico escocês e, a partir dessa perspectiva, cria uma intriga ficcional que postulará a prognosticação feita à personagem Macbeth como um elemento substancial aos acontecimentos posteriores. Na trama, o prognóstico feito à personagem, destinando-lhe a ocupação do trono do reino da Escócia, promove a exteriorização dos desejos recônditos de Macbeth de se tornar rei, o que por seu lado implicaria se posicionar como inimigo da coroa. Pelo vaticínio, o despertar da ambição nesta personagem resultará em consequências para todas as outras, mesmo aquelas que, por sua caracterização, não estariam arroladas de maneira incisiva nesta previsão. Segundo esse pensamento, umas das observações que poderiam ser feitas se refere justamente a Lady Macbeth, pois estendendo o que acabamos de falar a essa figura feminina, a colocariam fora do alcance de qualquer ardil, principalmente em se tratando de um ardil contra o rei. No entanto, ao tornar-se ciente da predestinação de seu marido, a personagem sente-se impelida a despertar-lhe o desejo ambicioso ao reinado:

Já és Glamis e Cawdor, e serás/ O resto. – Mas temo-te a natureza:/ Sobre-
lhe o leite da bondade humana/ Para tomar o atalho. Sonhas alto,/ Não te
falta ambição, porém privada/ Do mal que há nela. Teus mais altos sonhos/
Têm de ser puros; temes o ser falso,/ Mas não o falso lucro. Tu precisas/
Quem diga: “Glamis, faz se é o que queres;/ Se é o que não fazes mais por
medo/ Do que por desejar não ser feito.”/ Vem, para que eu jorre brio em
teus ouvidos,/ E destrua com a bravura desta língua/ O que te afasta do anel
de ouro/ Com que o destino e a força metafísica/ Te querem coroar.
(SHAKESPEARE, 2004, p. 36)

Ela teme a bondade existente em seu marido e sua falta de coragem para usar os atalhos “antinaturais” para conseguir o anel de ouro do rei, pois pensa que seu temor é maior que o seu desejo. Macbeth possui uma dubiedade de caráter, ele tem seus valores confrontados com seus desejos, não falta ambição, mas seus medos o privam e o deixam em dúvida sobre cometer um ato tão terrível para conseguir o trono, sua ambição não é acompanhada da maldade, e sua esposa, tendo consciência de seu poder sobre o marido, usa a força de suas palavras para fortalecê-lo, o instiga e desperta em sua alma a maldade e a frieza para que seja efetuado o assassinato. Ela usa seu inebriante vigor para afastar os receios do marido e convencê-lo de que o destino e o sobrenatural estão com ele, e que não deve temer nada. Os termos “vem, para que eu jorre brio”, “destrua com bravura”, são utilizados para mostrar a posição de comando dela, são termos que geralmente caracterizam uma personagem masculina, de poder sobre o outro, o que torna evidente que ela possui uma posição de comando na relação do casal. Ela inspira coragem em Macbeth: “Encontro-me agora determinado, e tensionada está cada fibra de meu corpo em prontidão para esse terrível feito. Vamos!” (SHAKESPEARE, 2004, p.33), e o convence de que o atalho será a melhor escolha para se conseguir o reinado. Em *Macbeth*, ocorre a “inversão de papéis sexuais”. Não se trata de travestimento, um recurso ficcional bastante comum nas comédias, mas que conserva os papéis sexuais dos personagens em questão. Em *Macbeth*, há uma verdadeira subversão sexual, conforme a feliz expressão de Agnes Heller (2002). Lady Macbeth se torna o homem e Macbeth, a mulher. É ela quem tem o comando da relação, ela domina totalmente o marido, ela é quem tem a liderança. Esta subversão sexual fica evidente em vários momentos nos diálogos entre o casal e principalmente quando ela faz a escolha de tornar-se dessexuada, pedindo aos espíritos do mal que a encham de crueldade dos pés à cabeça:

Vinde vós, espíritos que sabem escutar os pensamentos mortais, liberaí-me aqui de meu sexo e preenchei-me, da cabeça aos pés, com a mais medonha crueldade, até haver ela de mim tomado conta. Que o meu sangue fique mais grosso, que se obstrua o acesso, a passagem, para o remorso, que nenhuma visitação compungida da Natureza venha perturbar meu feroz objetivo ou estabelecer mediação entre este meu objetivo e seu efeito. Vinde vós aos meus seios de mulher e sugai meu leite, que agora é fel, vós, vossa invisível matéria, atendeis às vis turbulências da Natureza (SHAKESPEARE, 2004, p. 25).

Heller salienta que não conhecemos o tipo de mulher que era Lady Macbeth antes de receber a notícia do presságio das *Estranhas irmãs*, quando ela surge na peça já

começamos a conhecê-la no momento em que ela se torna um “homem” perverso para ficar imune ao sentimento de compaixão, o “leite da bondade humana” de que seu marido está repleto. Segundo Heller (2002, p. 113), “Lady Macbeth, uma das mais cruéis de todas as figuras shakespearianas, poderia ter sido, de fato, uma perfeita maquiaveliana”. Esta sugestiva aproximação nos faz compreender que, assim como o Príncipe do pensador florentino, a nobre escocesa, esperta como uma raposa e feroz como um leão, percebe com clareza que há momentos em que o jogo da política prescinde da ética moral. Se a oportunidade de conquistar o poder surge concretamente ante seus olhos, urge tomar todas as providências para que tal chance não tenha surgido em vão. Ironicamente, é justamente por tomar a frente dos planos e manobras para o assassinato do rei e a obtenção do cetro real que Lady Macbeth desempenha um papel feminino: ajudar o marido. Como observa Heller (*ibidem*, p. 112), ela se dessexua, embora continue a ser um membro do sexo feminino:

And if we listen carefully to Lady Macbeth's soliloquy and to her first words to her husband, it turns out that she has unsexed herself only in one sense: she chooses herself as one who has become immune to the natural impulse of compassion. She decides to become a murderess and make a murderer of her husband because she is in love with her husband and is certain of his love. She chooses to become a man of cruelty in order to help her husband ascend to the throne. In fact, she fulfills a traditionally female role. (...) There is a double play here with Lady Macbeth's sex because she “unsexes” herself but remains a member of the female sex. She relates the acts of cruelty to her femininity. Her imagination is so extremely cruel precisely because her fantasy remains feminine.¹(HELLER, 2002, p.112)

Desafia, assim, a ordem natural, tenta eliminar seus sentimentos de compaixão, ela busca usar sua voz feminina para persuadir com mais exatidão seu marido para cometer a maldade, seu desejo é avassalador e é capaz de negar a si mesma e desafiar a natureza.

¹“E se escutarmos cuidadosamente ao solilóquio de Lady Macbeth e às suas primeiras palavras para seu marido perceberemos que ela se dessexua em apenas um sentido: ela escolhe a si mesma como alguém que se tornou imune ao impulso natural da compaixão. Ela decide se tornar assassina e faz com que seu marido também se torne porque ela é apaixonada por ele, e quanto a este amor ela tem certeza. Ela escolhe se tornar um homem cruel a fim de ajudar seu marido a ascender ao trono. Na verdade, ela executa um papel tradicionalmente feminino. (...) Há um jogo duplo, aqui, com o sexo de Lady Macbeth, porque ela se “dessexua”, mas permanece membro do sexo feminino. Ela relaciona os atos de crueldade à sua feminilidade. Sua imaginação é tão extremamente cruel precisamente porque sua imaginação permanece feminina.” (Tradução nossa)

Lady Macbeth ainda apresenta uma satisfação de rebaixar o marido, questionando sua virilidade (“você deveria ser homem muito mais”), e utiliza o medo de Macbeth contra ele mesmo, provocando e incitando o desejo do poder nele. Questiona a todo o momento seu marido pela falta de coragem. Seu desejo é implacável, nunca pensa em desistir, em determinado momento ela se mostra irônica e compara o desejo dele com o de uma “gata, que quer um peixe, mas não quer molhar a pata”. Ela critica a frágil determinação do seu marido: “Quando te atrevestes a fazê-lo, então sim, eras um homem!” (SHAKESPEARE, 2004, p. 32).

A coragem dela transpõe as fronteiras da condição humana e da moral, e Macbeth tem como principal barreira o medo que o prende e o pondera para tomar a iniciativa de cometer o ato, e para se fortalecer ele precisa da força de sua esposa, da coragem dela que o impulsiona.

Como afirma Heller (2002, p. 13),

há uma tensão sexual entre Macbeth e Lady Macbeth. [...] Que há amor entre eles, que frequentemente ultrapassa os liames convencionais das relações conjugais, é evidente no texto, ao menos na passagem em que ela tem êxito em chantageá-lo com amor. Alguns intérpretes acreditam que Macbeth cede à sua esposa por causa de sua impotência sexual, a qual ele precisa compensar através dos assim chamados feitos masculinos.

Outro ponto a ser salientado é a questão da falta de filhos do casal. Lady Macbeth sofre o dessexuamento quanto invoca as forças sobrenaturais, parece ter escolhido a esterilidade, opta pelo poder e, quando o obtém, ela se vê sozinha, sem o marido e sem a possibilidade de ter um filho. “Shakespeare não esclarece a questão de o casal não ter filhos” (BLOOM, 2000, p. 638). Quando Lady Macbeth tenta convencer seu marido a cometer o assassinato, ela diz já ter amamentado uma criança, e este seria seu filho que havia morrido. No entanto, “não temos qualquer informação de que Macbeth seja seu segundo marido, mas ele bem pode ser” (BLOOM, 2000, p. 638). O Macbeth histórico é, mas isso pouco importa ao nosso caso. O autor assinala ainda que:

A Frustração de Macbeth por não ter filho o faz mandar matar o filho de Banquo e os filhos de Macduff. Como um ato de fúria e despeito. A falta de filhos ao casal pode ser uma consequência do ato “antinatural” cometido por eles. Incapaz de gerar crianças, Macbeth as extermina”. (BLOOM, 2000, p.647).

Macbeth é um rei sem descendentes, que não pode prosperar seu poder, pela ausência de filhos. Quando chega ao poder, pensa sobre a falta de descendentes “Sobre

minha cabeça depositaram elas uma coroa infrutífera; em minha mão, cetro estéril – tudo para me ser arrancado por mãos de descendência indireta, sem que um filho meu venha a suceder-me” (SHAKESPEARE, 2004, p. 58). Bloom considera ainda que “a ausência de filhos é a maldição que leva Macbeth a matar e usurpar” (2000, p.639). As bruxas profetizaram que Banquo seria pai de uma linhagem de reis, o que desencadeou sua morte pelos assassinos de Macbeth. Quando Macduff diz: “Ele não tem filhos!” (SHAKESPEARE, 2004, p. 109), ao ter notícia do massacre que Macbeth fez com sua família, esta frase deixa implícito que a perversidade dele seria pela falta de descendentes, por sua esterilidade. Para alguns estudiosos, a falta de filhos ao casal já surge como força propulsora e ao mesmo tempo, uma punição, pelos atos cometidos, e mesmo obtendo o que desejavam e o poder que almejavam, eles não podem deixar sucessores, não possuem linhagem, filhos que perpetuem seu reinado tornando seus atos vãos. Sua busca pela felicidade os leva à perdição e ao sofrimento de suas almas, consequências de terem se tornado assassinos perversos.

2 – *Lady Macbeth*

A passagem de Lady Macbeth pela peça é relativamente breve, são poucas suas cenas e falas. Mesmo assim, ela exerce um papel fundamental para o desenvolvimento da tragédia: tem protótipo de uma mulher forte, que lança-se para alcançar a coroa e não mede esforços e meios cruéis para conseguir o que deseja. Ela aparece em cena no ato I, cena V, lendo a carta em que seu marido lhe relatava o encontro que teve com as *Estranhas Irmãs* que anunciavam que ele se tornaria rei. Com o presságio das bruxas, ela percebe que o vaticínio não ocorrerá sem o derramamento de sangue e, conhecendo o caráter bondoso de seu marido, teme que isso possa atrapalhar a conseguir o trono da Escócia. Dois pontos merecem ser destacados em relação a isto: primeiramente, percebemos que se estabelece uma espécie de relação simpática entre o caráter e a linguagem das bruxas e de Lady Macbeth. Ela mesma transforma-se numa espécie de bruxa – ou assume atitudes peculiares de uma “emissária do mal”. Seus monólogos, no início da peça, são carregados de uma linguagem muito próxima das evocações feitas pelos praticantes de bruxaria, em seus rituais, aos espíritos malignos. Portanto, ela

continua a exercer um tipo de influência já desencadeada pelas estranhas irmãs² nas primeiras cenas da tragédia.

O segundo ponto refere-se à relação do casal Macbeth. Bloom (2000, p. 634) não está sendo totalmente cínico quando afirma que este é, talvez, o casal mais feliz de toda a dramaturgia shakespeariana. Há um profundo conhecimento mútuo, aliado a uma intensa cumplicidade e uma relação extremamente afetuada – principalmente na primeira parte –, em que nenhum sentimento ou pensamento parece se dissimular nos diálogos do casal (ou nas falas em que fazem referência ao outro). No caso de Lady Macbeth, Bradley (2009, p.283) afirma que ela

conhece a tibieza do marido, como ele hesita em “tomar o caminho mais curto” para seu objeto de desejo; e delibera, sem vestígio de dúvida ou conflito, contrapor-se a essa tibieza. Para ela, não há distinção entre vontade e ato; e, como o ato depende, em parte, dela mesma, está certa de que será consumado.

Destemida, a personagem trás para si a responsabilidade pelo rumo dos destinos de ambos, justamente por tão bem conhecer a natureza do companheiro e, neste caso, sua atuação sobredeterminará a de Macbeth, colocando-a numa posição de comando.

Por este motivo, ela se distancia de uma caracterização convencional de mulher, transgredindo sua ordem natural, pois ultrapassa a fragilidade feminina quando eleva seu poder de influência sobre a situação criada pela iminência de ser rainha. Segundo Bradley (2009, p.283), é ela “Quem exerce a influência decisiva sobre a ação”. Diante desse panorama, a persuasão de Lady Macbeth fará com que seu marido aceite seguir um plano para ocupar a coroa escocesa e entender que a concretização desse projeto é o único caminho ao poder: “(...) Queres ter/ O que julgas da vida o ornamento,/ Ou viver um covarde aos próprios olhos,/ Deixando o “quero” curvar-se ao “não ousar”,/ Como o gato pescando?” (SHAKESPEARE, 2004, p. 43). Conformado com o que lhe parecia ser o seu destino, o Thane de Cawdor sede às palavras coercitivas de sua esposa e, desse modo, toma a decisão final de cometer o regicídio, que seguirá com a sua coroação, mas também com o início da derrocada do casal.

Lady Macbeth instrui Macbeth a proceder no convívio social de forma rotineira para que ninguém suspeite de suas intenções: “Assemelhe-se à flor inocente, sob a qual se oculta a serpente” (*Ibidem*, p.27). Os esforços dela estão em convencer seu marido a

² Sobre a ação das *Estranhas Irmãs*, falaremos mais adiante.

agir, quando ele titubeia e se mostra um homem inseguro, cheio de medo. Ele teme, na verdade, que na tentativa do assassinato venha a falhar, e teme por possuir “o leite da bondade humana”, e é neste medo e angústia de falhar, nutrido pelo marido, que percebemos a audácia de Lady Macbeth, pois ela prontamente lhe responde: “Nós, fracassarmos? Estica as cordas no alaúde de tua coragem, e não falharemos!” (*Ibidem*, p. 32). Ela é quem incentiva, arquiteta e provoca o marido, para que juntos consigam chegar ao poder absoluto, com sua astúcia desafia os valores e se esquece que a coragem deve ser sinônimo de grandeza de caráter e não promover a morte de um rei. Como nos assegura Heller (2002, p. 12), ela “não apenas desafia a ordem legitimada, mas também o direito natural. Por natureza, é mulher. A natureza faz as mulheres, e talvez até mesmo os homens, dotados de compaixão. [...] Mas Lady Macbeth decide livrar-se disso tudo”, eliminando “a ordem natural, as virtudes convencionais, assim como os sentimentos naturais”. Na noite do assassinato, é ela quem droga os camareiros do rei e diz a Macbeth que ele pode ir até o quarto de Duncan para matá-lo: “Quando Duncan estiver dormindo, e para a cama sadiamente o terá convidado a dura jornada do dia de hoje, seus dois camareiros encarrego-me eu de dominar” (*Ibidem*, p. 32-33). Lady Macbeth não comete o crime, porque Duncan dormindo a faz ter lembranças agradáveis: “Se não parecesse tanto com meu pai, eu mesmo o teria feito” (*Ibidem*, p. 38). Ela se mostra perturbada com a semelhança e se preocupa que Macbeth não consiga cometer o assassinato. Quando é pressionado pela esposa, ele pondera as consequências do assassinato, e os laços familiares que tem com o rei, sendo Macbeth primo de Duncan. Surge uma inquietação e uma aflição no herói, que se divide em cometer o ato ou respeitar sua posição de general fiel e protetor. Ocorre em Macbeth o que Agnes Heller (2002, p. 27) denomina “a crise da legitimidade”, à qual podemos vincular a noção de “crise do duplo vínculo”. O duplo vínculo se instaura quando uma personagem vive uma situação em que precisa optar entre obedecer os ditames da tradição ou rebelar-se contra ela e defender um ponto de vista não convencional, baseado no direito natural. Lady Macbeth, que já afirmamos ser maquiaveliana, não hesita: desde o início, para alcançar seus propósitos, opta pelo direito natural daquele que se vê capaz e merecedor da instância máxima de poder. Por outro lado, Macbeth encontra-se cindido, justamente por hesitar em conseguir a coroa de forma ilegítima e não natural, de acordo com a tradição. Por fim, decide usurpar a coroa de uma maneira “antinatural”, haja vista que não era o sucessor genuíno do trono escocês. Ele titubeia, primeiramente porque o rei Duncan é um rei generoso e bondoso com seus súditos e,

em segundo lugar, por seus princípios morais. Paradoxalmente, se ele matar o rei, consegue a coroa por meio de um assassinato e traição a quem ele deveria proteger e, sendo assim, tem consciência das consequências que o seu ato pode trazer de bom e de ruim. Ao fazer essas ponderações ele demonstra que não tem coragem para tal audácia: “Não vamos prosseguir com este plano. Ele muito tem me honrado ultimamente” (*Ibidem*, p. 31). É Lady Macbeth que o encoraja a não temer nenhum empecilho. A sua ambição e coragem é instigada por Lady Macbeth e pelas bruxas. É a ação dessas figuras femininas que o transforma e o impulsiona em suas decisões. Quando ele pensa em desistir, ela o repreende e ele sente aflições por pensar na popularidade e honras que adquiriu em suas vitórias. Ele deseja continuar sendo respeitado e querido pelos súditos e pelo rei. Macbeth é impedido de agir por sua consciência, ele não consegue ir além dos limites da condição humana. Lady Macbeth, conhecendo o coração brando de seu marido, sabe que ele precisa de perversidade, por isso o provoca e tenta dominá-lo para ter o controle sobre suas ações e que seu “leite da bondade humana” não interfira nos planos.

Após executar o homicídio, Macbeth chega com as mãos sujas de sangue e perplexo com o ato que cometeu. No entanto, sua esposa o consola: “Esses atos não podem, depois de cometidos, ser pensados dessa maneira. Se for assim, isso nos deixará loucos” (*Ibidem*, p. 40). Esta fala ressoa praticamente como uma previsão do que iria ocorrer algum tempo depois, sinal evidente da ironia shakespeariana. Quando Macbeth diz que não deixou a adaga no local correto ela decide agir: “Que fraca determinação! Dê-me as adagas. (...) Se ainda corre o sangue, cobrirei com ele as faces dos criados, para que a culpa deles seja visível” (*Ibidem*, p. 41). Mas Lady Macbeth demonstra medo pela primeira vez quando vê suas mãos sujas de sangue: “Minhas mãos estão da cor das suas, mas envergonho-me de portar um coração tão branco” (*Ibidem*, p. 96). Em seguida, o casal retorna para o quarto e acorda com o anúncio da morte do rei feito por Macduff que, ao chegar no quarto para acordar Duncan, o vê morto na cama, e sai apavorado com a cena, mandando soar o alarme para acordar todos. Lady Macbeth, ao se levantar, e ser comunicada da morte do rei, finge-se abalada e desmaia.

A imagem do sangue nas mãos indica o contraste entre o tramado e o plano posto em ato e é sinal de profundas mudanças nas vidas dos personagens. É o momento crucial em que se defrontam, na mente de Lady Macbeth, os horrores do pensamento criminoso (num misto de anseio e até mesmo júbilo) e os horrores do crime cometido (agora como imagem funesta e aterradora). Como veremos adiante, a convivência do

casal passará por uma grande transformação, ainda que continuem a compartilhar um sentimento de ternura.

Ao matarem Duncan dormindo, ironicamente, para o casal se desencadeia a insônia. O sono (ou sua ausência) é um elemento que Shakespeare usa bastante em suas peças. Como em *Macbeth*, o personagem Brutus de *Júlio César* sofre com a perda de sono, o que simboliza a consciência atormentada e o quanto esta consciência perturba a mente dos personagens, as consequências são as visões fantasmáticas criadas por sua própria imaginação. Quando chega ao poder, Macbeth sente a ameaça contida nos presságios que as bruxas revelaram a Banquo: “Filhos teus serão reis, embora tu não o sejas” (*Ibidem*, p. 15). Para sanar suas preocupações, ele planeja o assassinato de Banquo e seu filho, “Carregar a coroa não é nada. O importante é carregá-la em segurança. Nossos temores encontram fundas raízes na pessoa de Banquo” (*Ibidem*, p.58) e contratando três assassinos para matá-lo, ressalta que Banquo é seu inimigo e sua disputa com ele é “tão letal que cada minuto de vida dele ataca-me em minhas partes mais vitais” (*Ibidem*, p. 61). Macbeth sente-se ameaçado com a presença de Banquo. Temendo a confirmação das previsões das *Estranhas irmãs*, ele contrata três assassinos para matar Banquo e seu filho Fleance, e na noite do banquete no palácio, ele recebe a notícia de que Banquo foi morto, mas seu filho escapou:

Então voltam os meus piores temores. Do contrário, eu estaria em perfeita segurança, íntegro como o mármore, sólido como uma rocha, tão livre e liberado como o ar que nos circunda. Agora, porém, estou confinado, coibido, contido, amarrado por dúvidas intrusas, encurralado em pavorosas suspeitas (*Ibidem*, p.70).

Em seguida, no banquete do palácio, ele tem a visão do fantasma de Banquo, que é percebido somente por ele. Neste momento, a anfitriã usa de toda sua sagaz habilidade para contornar a situação e o descontrole emocional que Macbeth apresenta: “Sentem-se, valorosos amigos. O senhor meu marido fica algumas vezes assim, e isso desde a juventude. Peço-lhes que permaneçam sentados. O acesso é momentâneo, e antes que o senhores possam dizer uma palavra, ele estará bem de novo” (*Ibidem*, p.72). Ela ainda procura chamá-lo a consciência: “Isso é um quadro que pintaste com as tintas do teu medo” (*Ibidem*, p. 72). Ele começa a sofrer perturbações, suas visões com o punhal e com o fantasma de Banquo demonstra que a consciência dele teme a descoberta do seu crime. Quando assassina Duncan, ele ouve a oração de seus hóspedes dizendo “Como se tivessem me avistado com estas mãos de carrasco. Ouvindo-lhes o

medo, não consegui dizer “Amém” quando disseram “Que Deus nos abençoe” (*Ibidem*, p. 38). Ele não consegue dizer “amém”, o que demonstra que tem escrúpulos morais e que sua consciência começa a atormentá-lo por seu ato cruel e frio. Sua consciência o impede de pronunciar tal palavra, e ele sofre porque necessitava desta pronúncia para se sentir aliviado e, no entanto, não consegue, o que lhe causa uma grande tensão psicológica.

Quando Macbeth demonstra fraqueza, é quase sempre influenciado por Lady Macbeth. Por fraqueza de personalidade e ambição, ele deseja o poder, mas seu caráter resistente, vacilante e avesso ao crime e à corrupção, não o deixa agir. Ela, sabendo de suas fragilidades, aproveita cada uma para ir conduzindo-o a perpetrar o crime. Ao cometê-lo contra o rei Duncan, matando-lhe a fim de conquistarem o poder, Lady Macbeth supunha estar apenas adiantando um futuro natural, o que havia de concreto no vaticínio, outro sinal de seu pensamento maquiaveliano. É nesse sentido que percebemos a seguinte fala de Lady Macbeth: “Meu grande Glamis! Meu valoroso Cawdor!/ Que saudação maior inda há de ter!/ Tua carta transportou-me para além/ Deste pobre presente, e sinto agora/ O porvir neste instante” (*Ibidem*, p. 37). A predestinação garantia-lhes a segurança com que impetrariam o regicídio, o qual não estaria desconforme com o destino dos dois. No entanto, com o crime e “a partir desse momento, é cada vez maior a separação do casal antes tão unido – e que tivera a ilusão de que, conquistando a coroa, mesmo ao preço de um assassinato, estaria alcançando a felicidade suprema para ambos.” (HELIODORA, 2004, p. 10). É no exato instante em que percebem estarem coroados como rei e rainha, que os Macbeth também percebem estarem desvinculando-se um do outro, “depois da morte de Duncan eles ficam cada vez mais separados” (HELIODORA, 1998, p. 140), pois o poder agora exercido por Macbeth exige-lhe atenção redobrada nos assuntos de seu interesse, e esses fazem com que ele fique obsessivo pela manutenção de seu reinado, relegando à sua esposa pouca dedicação. Mas não é apenas isso. Para Lady Macbeth, o assassinato de Duncan seria o único crime que cometeria para alcançar o poder. Uma vez alcançado o objetivo, não haveria mais a necessidade de continuar a perpetrar novos crimes. Algumas páginas de *O Príncipe* nos ajudam a compreender esta situação:

São bem empregadas as crueldades (se é legítimo falar bem do mal) que se fazem de uma só vez pela necessidade de garantir-se e que depois não se insiste mais em fazer, mas rendem o máximo possível de utilidade para os súditos. [...] Ao tomar um Estado, o conquistador deve examinar todas as ofensas que precisa fazer, para perpetuá-las todas de uma só vez e não ter que

renová-las todos os dias. Não as repetindo, pode incutir confiança nos homens e ganhar seu apoio através de benefícios (MAQUIAVEL, 2008, 41).

Contudo, Macbeth não é maquiaveliano como a esposa. Em sua mente, o crime, uma vez cometido, gera a necessidade de novos crimes, para que perpetue no poder. É interessante que, talvez mesmo não sendo leitor de Maquiavel³, Shakespeare aplique ao casal o contraste entre a “crueldade bem empregada” e a “mal empregada”. Vejamos como as reflexões de Maquiavel sobre a crueldade mal empregada nos ajudam a entender a postura de Macbeth: “Mal empregadas são aquelas que, ainda que de início sejam poucas, crescem com o tempo, ao invés de se extinguirem” (*idem*). Quem age assim, “precisa estar sempre com a faca na mão, não podendo jamais confiar nos seus súditos, como tampouco podem eles confiar no príncipe devido às suas contínuas e renovadas injúrias”. (*idem*).

Outro ponto relevante, é percebermos como Macbeth constrói (ou busca defender) sua masculinidade com a ajuda da presença feminina em sua vida, e quando ele adquire força, progressivamente se afasta de Lady Macbeth, pensando talvez não mais precisar de sua força para agir e determinar suas ações. Esta ruptura entre o casal fica clara quando já coroado. Quando Macbeth já está coroado, ela pede a um criado: “Leva recado ao Rei: quando, a ele for conveniente, preciso com ele trocar algumas palavras” (SHAKESPEARE, 2004, p. 63). Ao chegar ao poder, ela se depara com a realidade: “Nada se ganha, e tudo se perde, quando nosso desejo fica satisfeito sem contentamento. Mais seguro é ser o objeto que destruímos, mais seguro do que habitar uma alegria duvidosa, construída pela destruição” (*Ibidem*, p. 63).

No desenrolar da trama, e após o casal adquirir o poder desejado, ambos ficam com suas mentes perturbadas, com medo de tudo e todos. Em virtude do assassinato de Duncan, o sentimento de culpa de Macbeth e sua esposa se torna forte e corrompe cada vez mais o casal. Este sentimento de culpa aumenta em Lady Macbeth com o passar dos dias, pois percebe a continuação funesta dos atos criminosos, embora, dessa vez, não seja nem a cúmplice, nem a conselheira, sendo poupada pelo esposo dos planos sanguinolentos que arquiteta. Chega, assim, ao fim da peça em um estado decadente, sofrendo com alucinações e com o sonambulismo. Em determinado momento da obra, é observada pela dama de companhia e pelo médico que a vêem esfregando as mãos e

³ Embora o estudo de Heliadora (2005) nos forneça provas suficientes para acreditarmos que, numa segunda fase, Shakespeare tenha tido contato direto com o pensamento do chanceler florentino.

dizendo: “Por mais que eu faça, esta mancha não sai”(SHAKESPEARE, 2004, p. 113). Neste momento ela já está doente, tem alucinações e tenta esfregar as mãos porque vê o sangue do rei morto. O médico fica surpreso com as atitudes da personagem e diz à dama de companhia que a doença está além da ciência e que ela precisa de um padre que perdoe seus pecados: “Atos que vão contra a natureza geram problemas antinaturais. As consciências culpadas aos seus surdos travesseiros confiam seus segredos” (*Ibidem*, p. 115). A violação da natureza feita pelo casal começa a ter consequência desastrosas, tendo início com a própria Lady Macbeth, que entra em estado de loucura. Surpreendentemente, toda a força e magnetismo apresentado pela personagem no começo da trama vão se perdendo gradativamente, ela tem alucinações até chegar de vez à loucura e tirar a própria vida. Esta personagem causa encantamento por sua personalidade impetuosa. De acordo com Bradley (2009, p. 285) “Ela o ajuda, mas nunca solicita a ajuda dele. Não se apoia em nada, conta apenas consigo mesma. E, do início ao fim –, apesar de tropeçar uma ou duas vezes na representação de seu papel -, sua firmeza de espírito nunca a abandona”. O que mostra mais uma vez a dependência de Macbeth diante da esposa. No decorrer da peça, suas qualidades que foram decisivas para a conquista do poder vão cedendo cada vez mais espaço para a obstinação desvairada da manutenção dos privilégios reais que seu marido assume como essencial para a sua monarquia. Por meio dessa exigência de fazer-se obstinado para assegurar o controle político da Escócia, Macbeth atira-se num círculo vicioso, “(...) matando de novo e de novo, em uma espécie de esperança de que o hábito anestesie a consciência” (HELIODORA, 2004, p. 10). O que lhe pedia a obrigação do poder, mais um assassinato, agora o de Banquo, era cumprido como forma de atestar que a lei natural que vigorava com o vaticínio só estava sendo obedecida. Por outro lado, cada nova ação que retificava a sua dominação sobre a coroa punha-lhe o desespero na consciência, desregrando-lhe as atitudes e o comportamento, sendo que tais fatos atingiam diretamente o estado de consciência, antes tão bem estruturado, de Lady Macbeth. Os Macbeth vêem a coroa como maior objetivo a ser conquistado e a busca pelo poder, pela coroa, os leva ao que Aristóteles chamaria de peripécia. Segundo Heliadora (1998, p. 139), “ele tem, junto com a mulher, a ilusão de que a conquista da coroa, mesmo ao preço de um assassinato, lhes trará felicidade e selará sua união. O crime, ao contrário, desagrega, individualmente, tanto a Macbeth quanto à sua mulher”. As concepções equivocadas perscrutadas pelo casal resultam apenas em infelicidade, o poder para eles

significava a felicidade. No entanto, seus métodos e ações desencadearam apenas desgraças.

Em Lady Macbeth, o desespero psicológico se faz manifesto após a percepção das atitudes neuróticas de seu esposo, o que lhe faz entender que: “Não há ganhos, tudo é perda/ Se o desejo se alcança sem prazer:/ É mais tranquilo ser o que foi findo/ Que ficar inseguro destruindo” (SHAKESPEARE, 2004, p. 75). É somente através dessa compreensão, do terror causado pelas ações que frustram as leis de comportamento, que ela se percebe arrastada para o poço sem fundo da culpa.

A peça Macbeth, como um todo, poder ser considerada em certo sentido como uma “imagem” do medo (...), a pior e a mais destrutiva de todas as emoções, definhante, paralisante, e portanto o próprio oposto do amor, que é expansivo, fecundo e vitalizante. (SPURGEON, 2006, p. 146).

A personagem transmuta seu olhar diante do mundo em que se encontra e sua visão muda justamente porque ela está em declínio, sua propensão à atuação destemida e incosequente se esvai. É neste momento que percebemos sua derrocada, ela já não pode mais agir como outrora, pois no sentido trágico sua queda a retirou “(...) de um mundo ilusório de segurança e felicidade para o abismo da desgraça iniludível” (LESKY, 1996, p. 33). Sendo assim, resta-lhe o sofrimento pelas suas ações, o reconhecimento de que os seus atos somente a conduziram rumo à perdição, e neste caminho para o terror psicológico “o sujeito do ato trágico, o que está enredado num conflito insolúvel, deve ter alçado à sua consciênciatudo isso e sofrer tudo conscientemente” (*Ibidem*, p. 34) (grifo do autor). Apropriando-se do estado de consciência de que os meios torpes usados para obtenção do poder não trouxeram-lhe os resultados esperados, Lady Macbeth resigna-se à culpa e ao fervor das neuroses, corrompendo-se num processo de degeneração física e psíquica:

Sai, mancha maldita! Sai, eu disse! – Uma, duas: mas/ então é hora de agir. – O inferno é tenebroso. – Que/ vergonha, meu senhor, que vergonha! Um soldado,/ com medo? – Por que teremos de temer quem o saiba,/ quando ninguém puder pedir contas ao nosso poder?/ - Mas quem haveria de pensar que o velho tivesse tanto sangue? (SHAKESPEARE, 2004, p. 123)

É nesta culpa que a personagem se consome até suicidar-se como fim último para o seu desespero. A culpa trágica a consumia e era pelas ações que havia feito que essa culpa se manifestava. Segundo Bradley (2009, p. 20):

Lady Macbeth, que se imaginava capaz de esmagalar o crânio do próprio filho, vê-se até a morte perseguida pelo cheiro do sangue de um estranho. Seu marido acredita que para assegurar a coroa arriscaria a vida futura, mas depois descobre que a coroa foi responsável por todos os horrores desta vida. Em toda parte nesse mundo trágico, o pensamento do homem, **tornado em ato**, se transforma no oposto de si mesmo. Seu gesto, o movimento de alguns gramas de matéria numa fração de tempo, se converte numa torrente monstruosa que se alastra por todo o reino. E não importa o que sonha conquistar, ele obtém o que menos esperava, a própria destruição. (grifo nosso)

Importa dizer que a tragédia é ação e resulta deste esclarecimento de que pelas ações é que as personagens se edificam enquanto seres ficcionais autônomos, pois “o que sentimos de forma especialmente forte, à medida que uma tragédia se encaminha para o desfecho, é que as calamidades e catástrofes se seguem inevitavelmente dos atos dos homens, e que a principal fonte desses atos é o seu caráter” (*Ibidem*, p. 09).

Em resumo, Lady Macbeth na trama shakespeariana surge como personagem sagaz e no decorrer da peça se torna frágil, sofre desgraças por suas ações, entendidas, aqui, como aspectos característicos de sua criação ficcional. Shakespeare cria uma personagem fortemente ligada aos rumos do enredo, que atua sobre esse de maneira significativa, sendo sua representatividade um lugar certo para se pensar um sentido histórico, real e político da obra na qual está inserida. Ela é uma mulher diferente das personagens femininas da tragédia de *Hamlet*. Gertrudes e Ofélia são submissas e não tomam decisões próprias sobre suas vidas. Ofélia é uma menina doce, mas frágil, é influenciada pelo pai e o irmão, não sendo capaz de decidir por si mesma, Gertrudes age do mesmo modo, é obediente e não faz suas próprias escolhas. Lady Macbeth tem características de comando, é ela quem arquiteta o projeto de adquirir a coroa ao casal, posiciona diante de Macbeth com autoridade e poder, incitando-o a agir “como um homem”. Persuasiva, ela guarda dentro de si uma vontade de poder, de comandar, características de um homem que deseja um reino e é capaz de qualquer coisa para governar. Ela pede aos espíritos que troquem seu sexo e que desta forma ela não tenha mais compaixão para que não corra o risco de desistir de seus planos. Nesta fala, ela alude à fragilidade de mulher, sua coragem parece não ser suficiente para matar o rei, e ela precisa de mais crueldade para seguir com seu plano e persuadir seu marido. Para isso ela invoca os espíritos malignos para concluir o seu crime. Para que nada dê errado em seus planos, Lady Macbeth (já apontamos as características que a tornam

semelhante a uma bruxa medieval) faz um pacto com os espíritos malignos pedindo que obtenha as características masculinas para poder ter mais coragem e se livrar da fragilidade de mulher para tornar real o regicídio. Para Bradley (2009, p. 287) esta ação da personagem é uma “horripilante invocação que faz aos espíritos do mal para dessexuá-la e enchê-la dos pés a cabeça da mais horrível crueldade, dando o mesmo testemunho de vontade férrea no sentido de sufocar a relutância interna”.

Lady Macbeth, sendo uma personagem cruel, age apenas com palavras na peça, ela não executa o crime, não tem frieza e coragem suficiente para cometer um ato tão sangrento. Macbeth possui a natureza do mal e a obra trás aspectos da alma do herói sendo sombria como a noite. Shakespeare nos apresenta ironicamente um casal unido e Bloom ressalta que:

A sublimidade de MacBeth e Lady MacBeth é irresistível, trata-se de personalidades convincentes e valorosas, além de profundamente apaixonadas. Aliás, com incomparável ironia, Shakespeare apresenta-os como o casal mais feliz de toda a sua obra dramática (BLOOM, 2000, p. 634).

No entanto, paradoxalmente, Shakespeare proporciona a maior das punições ao casal que é a separação, o relacionamento eles se estremece depois de conseguirem o que tanto almejavam, como resultado de suas ações a união deles se desfaz. Heller (2002, p. 114) salienta que

o que acontece com Macbeth e sua Lady é totalmente diferente do que acontece com outros pares de vilões que experimentam o amor apaixonado e a dependência sexual em Shakespeare. O amor dos Macbeth se desordena depois que Macbeth “prova” o seu, depois de ter cometido o assassinato como forma de demonstrá-lo.

3 – As Bruxas

Afirmamos anteriormente que há uma espécie de continuidade, de relação simpática entre o papel desempenhado por Lady Macbeth e as Bruxas. Embora a sublimidade do caráter de Lady Macbeth seja irresistível, como quer Bloom (2000, p. 634), o que faz com que uma leitura superficial atribua a ela todo o poder de domínio sobre o protagonista, não podemos nos esquecer da presença das três irmãs desde o

início da peça, já definindo seu clima e revelando, por meio de sua manifestação, as peculiaridades de um caráter tão complexo como o de Macbeth.

Shakespeare, na introdução de sua obra, faz uso de aspectos cósmicos, revelados justamente com a aparição das bruxas. As *Estranhas Irmãs* surgem na cena de abertura da peça, planejando o encontro com Macbeth na charneira. Elas aparecem como um aspecto relevante na obra, ou seja, sua importância é evidente à medida que ocorre a interação com Macbeth. Quando elas se encontram com ele e Banquo no pântano, profetizam seus destinos: “Salve, Macbeth; aquele que no futuro será Rei”. (SHAKESPEARE, 2004, p.14). Quanto a Banquo, ao indagar sobre a sua sorte, fica sabendo que não será rei, mas seus filhos serão, e isto será um prognóstico que mais tarde se tornará uma ameaça para Macbeth, que será um rei sem herdeiros, como já dissemos. As aparições das *Estranhas Irmãs* têm como objetivo desencadear toda a tragédia, aguçando a ambição de Macbeth. Neste sentido, esclarecedoras são as palavras de Bloom (2000, p. 633):

Todos possuímos, embora em graus distintos, imaginação profética; em Macbeth, esse tipo de imaginação tem um valor absoluto. O personagem nem bem se dá conta de uma ambição, uma aspiração, ou um desejo, e já é capaz de ver a si mesmo cometendo o crime que, equivocadamente, satisfaz a referida ambição.

Elas usam de artimanhas para ludibriá-lo e colaboram para sua queda. Toda a ação despertada por estas personagens faz com que a obra tome contornos obscuros. Nisto, toda interferência por elas concretizada, articula-se de maneira a permitir o transcurso nos vários estados mentais de Macbeth e seus desejos. No início da peça, elas surgem para dar a notícia de que ele se tornaria o Barão de Cawdor. Após o presságio, ele recebe a mensagem de que teria sido promovido, se tornando o novo Barão de Cawdor. Com esta notícia, fica inquieto, e pensa sobre as revelações das irmãs malignas, pensa, em seguida, na segunda profecia revelada por elas, que ele seria rei, e neste momento, sendo ele um homem com fortes princípios morais, sua consciência o repreende e começa o confronto de se obter ou não a coroa:

Duas verdades foram ditas, como alegre Prólogo ao prometido e imperioso Ato de imperial tema. – Agradeço-vos, cavalheiros. – Essa sedutora, sobrenatural proposta não pode ser maléfica; não pode ser decente. E se for maléfica? Por que me deu um sinal de sucesso futuro, inaugurando-o com uma verdade? Sou o Barão de Cawdor. E se for decente? Por que me rendo a tal sugestão, cuja horrível imagem descabela-me e incita meu coração sereno e escoicear minhas costelas, contra os costumes da Natureza? Os temores do

presente são menores que as horríveis figuras da imaginação. Meu pensamento, este que em si acolhe um assassinio não mais que fantasioso, sacode de tal maneira o reino de minha condição humana e única, que toda ação fica asfixiada em conjeturas, e nada mais existe, a não ser o que não existe (SHAKESPEARE, 2004, p. 18-19).

Observamos esta fala e entendemos que Macbeth deflagra uma luta sobre o entendimento e conhecimento de si mesmo e do mundo, uma busca que o leva a considerar tudo que esta a sua volta, tudo o que está dentro de si, suas crenças, medos, certezas e dúvidas

Em outra aparição das *Estranhas Irmãs*, é Macbeth quem as procura para saber sobre o que reservava o futuro. Ao ver o fantasma de Banquo, ele se desespera e as procura. As bruxas, seguindo as ordens de Hécate, a quem devem obediência, sendo ela a deusa superior, “rainha das feiticeiras”, deusa da magia e da noite, fazem surgir três aparições, que pedem a Macbeth ter cuidado com Macduff, que só um homem não nascido de mulher poderia destroná-lo, e que ele seria vencido somente quando “o grande Bosque de Birnammarche contra ele, vencendo as doze milhas até os altos da colina Dunsinane” (*Ibidem*, p.89). Ele procura as *Estranhas Irmãs* para conter seu medo e tentar tranquilizar sua mente. Por fim, as agradece com as seguintes palavras: “Seja lá quem sejais vós, por vosso bom aviso, obrigado. Vós soubestes adivinhar os meus temores corretamente” (*Ibidem*, p. 87). Neste ponto, fica clara a dependência de Macbeth à força feminina, ele precisa das previsões das bruxas para sanar seus medos, do mesmo modo que necessita de sua esposa, que na peça “parece ser não apenas esposa, mas mãe de Macbeth” (BLOOM, 2000, p. 639).

As previsões das *Estranhas Irmãs* fazem com que ele se sinta seguro. No entanto, elas agem como fatores cósmicos na peça para ludibriar Macbeth através de enigmas. Um deles é que ele só será vencido por um “homem não nascido de mulher”. Ele entende suas profecias como uma afirmação do seu poder. No entanto, suas profecias são apenas enigmas, e a deusa Hécate, a quem as *Estranhas Irmãs* são subordinadas, ao ver o resultado das profecias que elas proferiram a Macbeth, entra em cena para repreendê-las: “Imprudentes, e temerárias, como atreveram-se a negociar, barganhar, traficar com Macbeth em charadas e questões de morte?” (SHAKESPEARE, 2004, p. 78). A repreensão de Hécate se deve ao fato de que para ela Macbeth é um “Filho cheio de caprichos, malévolo, colérico, homem que ama suas próprias metas”, (*Ibidem*, p. 78). As *Estranhas Irmãs* e Hécate surgem para ludibriar Macbeth com suas charadas e profecias maléficas, que corroboram para o fim trágico do herói e, se

sentindo forte com as charadas, ele se torna um homem confiante e arrogante, o que desencadeará seu percurso trágico. Como Hécate diz, “a excessiva confiança é o maior inimigo do homem” (*Ibidem*, p. 79). O desejo de poder havia movido as ações de Lady Macbeth de maneira significativa antes de obtê-lo, no entanto, ao consegui-lo, esse suga-lhe a condição sóbria e fria que tanto a distinguiu das outras personagens, pois “quando o crime leva ao poder, e o poder é exercido por meio do crime, as consequências abalam a comunidade, cujo bem-estar é o único objetivo legítimo do governo” (*Ibidem*,). Na realidade, a estrutura social, que é a base para o governo, impetra as formas reguladoras de comportamento que, se desobedecidas, trazem como consequência o castigo, sendo primeiramente o terror psicológico para o transgressor e depois a sua punição física. Essa questão será discutida no próximo capítulo.

Segundo Bradley (2009, p. 263), apesar da “influência das profecias das bruxas sobre Macbeth ser imensa, é mostrado com muita clareza que se trata de influência e nada mais. Não existe na peça o menor sinal de que Shakespeare concebia os atos de Macbeth como fruto da imposição de forças externas, fosse das bruxas, de seus “mestres” ou de Hécate”. Para ele, *Macbeth* é uma peça da consciência e da ambição. Bloom argumenta que “a bruxaria não é capaz de alterar os fatos, mas a alucinação é capaz de fazê-lo – e o faz” (BLOOM, 2000, p. 632). Elas usam a ambição dele e ajudam a torná-lo um sanguinário vilão, “as bruxas o enganam, mas, como sabemos, são entidades propensas à equivocação” (*Ibidem*, p. 658), dizem o que ele quer e precisa ouvir, para tentar acalmar sua mente que sofre com o medo e alucinações. Os autores concordam que o sobrenatural e o místico que ocorre com a presença das *WeirdSisters* influenciam na peça. No entanto, eles deixam claro que é somente influência, pois elas não são capazes de alterar os fatos e obrigar Macbeth a cometer suas maldades. O sobrenatural está em toda atmosfera da trama shakespeariana, “as trevas, as luzes e cores que as iluminam, a tempestade que as atravessa, as imagens dramáticas e descomunais – conspiram ao lado da aparição das bruxas e do espectro para infundir horror, e, em alguma, medida, também um pavor sobrenatural (BRADLEY, 2009, p. 259)”. Macbeth, quando vê o seu fim, “amaldiçoa as bruxas por o terem ludibriado, mas jamais tenta transferir para elas o fardo de sua culpa” (*Ibidem*, p. 265). Ele sabe que a culpa é somente sua e não atribui a elas as consequências do rumo de sua vida. Ele demonstra aqui a grandeza de caráter do herói trágico em aceitar a nova realidade construída por ele próprio. Estes seres cósmicos surgem na peça como uma representação dos desejos internos dele, toda a maldade que habita na alma do herói é

reproduzida através destas criaturas malévolas, que causam a agitação cósmica e intensificam os conflitos na peça. As bruxas corroboram para que Macbeth tenha a consciência do seu desejo. Elas surgem para predeterminar o futuro dele, e esses presságios não passam, na realidade, do mais íntimo desejo dele. E ao ter o contato com elas, ele toma consciência. Existe uma projeção dos desejos de Macbeth na representação das *Estranhas Irmãs*. Elas refletem o desejo latente dele ser rei.

Os atos de Macbeth se configuram na representação das personagens femininas, que movimentam todas as suas ações e domina suas decisões momentâneas. Somente ao fim da peça é que ele começa a entender que a violência do humano age como um espelho, tudo que se faz volta contra si mesmo, com mais intensidade e, ao final, vê que sua violação não o levou a lugar algum, dissolvendo suas honras e vitórias que já não representam nada.

CAPÍTULO III

Um oceano de sangue que se alastra: A irradiação do mal no corpo político

*Cada nova manhã novas viúvas gemem de dor e
novos órfãos choram; novas calamidades bofeteiam
os céus na face, e eles ressoam como se sentissem
com a Escócia e os mesmos gritos de dor soltassem.
(IV, iii)*

Tendo analisado até o momento como a influência do elemento feminino (em *Macbeth* intimamente ligado a um aspecto demoníaco) domina e instiga o herói trágico à ação e, conseqüentemente, à sua perda, passaremos, neste capítulo, a observar como este mal, uma vez em posse do herói, se alastra por todo o corpo do Estado.

As tramas de Shakespeare apresentam sempre um quadro sociopolítico em que seus personagens estão inseridos. Em sua maioria, são representados por figuras ilustres da sociedade, sendo reis, generais, príncipes. Em *Macbeth*, podemos observar o efeito da ambição do poder sobre os personagens e o mau governo que afeta toda a população. Voltemos a *Macbeth*, personagem cujas gestas heroicas dissimulam certa tibieza e ausência de coragem no início da peça, e que se transforma em usurpador da coroa, tornando-se um rei sangrento e tirano. *Macbeth* assume a modificação do medo em crueldade.

Eu quase que esqueci em que consiste o sentimento do medo; tempo houve em que os meus nervos estremeciam, escutando qualquer grito noturno; em que os meus cabelos se eriçavam se eu ouvia qualquer funesta narrativa; e se punham de pé sobre o meu couro cabeludo, como se estivessem vivos; fartei-me de horrores; o espanto familiarizou-se com os meus pensamentos homicidas e já nada me pode fazer estremecer (SHAKESPEARE, 2004, p. 172).

A transformação no personagem é extrema, seus medos se internalizam e sua sede de sangue é obsessiva. Quando *Macbeth* se deixa dominar pelo desejo da coroa, se desencadeia o grande erro do herói. Quando ele usurpa, todos são uma ameaça para seu império e estão condenados por ele à morte. A culpa que atormenta sua mente, tira sua paz e mesmo obtendo o que desejava, não desfruta de seu poder, pois não consegue se

livrar do sentimento de culpa. Ele reconhece seu erro somente no confronto com Macduff, e vê sua destruição. Neste momento ele percebe seu equívoco em ter acreditado nas profecias dúbias das *Estranhas Irmãs*:

Que ninguém mais acredite nesses demônios que praticam malabarismos com as palavras, brincam conosco à base de frases ambíguas, sussurram doces promessas em nossos ouvidos para depois não cumpri-las, azedando nossas esperanças (SHAKESPEARE, 2004, p. 130).

Assim, ele reconhece sua falha, mas já é tarde. Ele não pode mais voltar atrás, ocorrendo o reconhecimento trágico, momento este denominado por Aristóteles como o conhecimento, uma espécie de revelação, por parte do herói, compreensão profunda tanto de si quanto do mundo em que vive, e ocorre quando Macbeth, que morre em combate, ao se dar conta de que tudo que fez foi cruel e em vão. Shakespeare nos mostra as falhas dos heróis, cada personagem tem um calcanhar de Aquiles “passional”, que torna o herói frágil e suas escolhas mostram sua humanidade. Lesky assinala que o herói em “sua vida nesta terra, devido à constituição humana, está de antemão exposto ao engano, às aparências que lhe escondem a realidade, ao desvario que o atrai para a ruína” (LESKY, 2003, p. 31). Macbeth inverte seus valores em busca do poder e é atraído pela presença das personagens femininas em busca dele, ocasionando sua derrocada.

Como uma imagem que muito se assemelha a tantos líderes de governos autoritaristas do século passado, Macbeth, uma vez no poder, perpetua a violência e o crime, primeiramente, aos que lhe são próximos, mas, aos poucos, fazendo-os alastrar numa corrente incessante. Quando vai à batalha, sente que não sobreviverá, pois em seu ser ele já compreendeu a sua morte moral. Shakespeare investiga as ações do ser humano e cada ação feita pelo herói expressa o seu interior, suas escolhas o encaminham ao seu destino. Com sua morte, a Escócia é libertada do mal, coroando um novo rei que terá a coroa por direito e com a promessa de uma “pátria livre” a fim de preservar a harmonia da comunidade do país. Há, portanto, uma ligação entre o destino do herói e o de sua comunidade política:

Seu destino afeta o bem-estar de toda uma nação ou império; e, quando ele se precipita das alturas da glória terrena para cair no pó, sua queda produz uma impressão de contraste, denuncia a fragilidade humana e revela a onipotência – talvez o capricho – da Fortuna ou do Destino, com que nenhuma história pessoal pode jamais rivalizar (BRADLEY, 2009, p.07).

Macbeth, ao perder o “leite da bondade humana”, deixa de pensar em seu reino da forma como pensava anteriormente, e busca somente benefícios próprios. O mal que o domina se alastra por todo o Estado, que, dentro da visão de mundo elisabetana, depende do seu monarca. Este deve ter “preocupações com uma ordem harmônica, responsabilidade mútua, generosidade e preocupação com o outro” (HELIODORA, 1998, p. 55). Neste quadro político, a natureza do governante é preponderante para o bom governo, e quando o mal começa sua influência sobre Macbeth, ele se alastra por todo o Estado, causando sofrimento a todos. Eis, então, a idéia de bom e mau governo de Shakespeare:

O bom governante é aquele que subordina seus interesses pessoais aos dos governados, aquele para quem o bem-estar da comunidade é a preocupação maior; o mau governante é, pura e simplesmente, aquele que deseja o poder para benefícios próprios, para gozar de seus privilégios sem pensar em seus deveres (HELIODORA, 1998, p. 55).

Sendo assim o poder intervirá nas relações pessoais e sociais de um governante e sua interferência será fatal na vida de seu grupo social. Macbeth, ao ser coroado rei, usurpando a coroa, deixa a ambição inverter os valores do bom governo. À medida que Macbeth age, os governados sofrem, ele age somente para garantir a preservação de seus interesses pessoais, a coroa. O governante vai buscar os assassinatos para garantir o poder em suas mãos, o jogo de poder em Macbeth se alastra e compromete o bem-estar da comunidade e “leva toda a nação ao sofrimento e à guerra civil, que só terminará com a morte do tirano usurpador e a restauração da ordem pelas mãos daqueles que, através de toda a ação, terão comprovado suas qualidades positivas” (HELIODORA, 2005, p. 220).

O reinado de Macbeth é marcado por mortes. A Escócia é governada por um tirano e a cidade se torna assustadora, sem lei, onde as pessoas têm medo de viver. As imagens de escuridão na peça de Shakespeare, como já foram ressaltadas, são constantes. O enredo da trama é obscuro, causando um efeito sombrio na peça. A Escócia se tornou nas mãos de Macbeth um país com doenças, com um rei ditador que proporciona pavor em seus súditos, como podemos observar na terceira cena do ato quarto:

Ai de mim, uma pobre pátria! Quase treme, só de pensar em olhar para si mesma. Em vez de nosso berço, terá de ser chamada de nosso túmulo. A

ninguém se vê sorrindo, nunca, à exceção daqueles que nada sabem. Soluços e gemidos e gritos dilaceram o ar e passam despercebidos. A tristeza mais violenta parece uma emoção corriqueira. Quando dobram os sinos por algum finado, dificilmente alguém pergunta quem expirou. E expiram-se as vidas dos homens de bem antes de fenecerem as flores de seus chapéus. Morrem antes de adoecer. (*Ibidem*, p.106)

A população da Escócia no reinado de Macbeth se torna triste, sem sonhos, desejos, sem esperança de um futuro melhor. O aspecto cinzento e as mortes representam o ambiente assombroso vivido pelo país sob o domínio do tirano de Macbeth. Os elementos sombrios provocados pela falta de claridade constroem uma tensão em toda a trama, sendo indicativo disso a aparição das bruxas sempre em ambientes obscuros: “Quando nos encontraremos as três, uma próxima vez? Ao som dos trovões, à luz dos relâmpagos, em meio à chuvarada?” (*Ibidem*, p. 88). No dia da morte do rei Duncan, Banquo faz a seguinte queixa em relação à noite sombria inquieta:

Pega aqui, segura minha espada. Estão fazendo economia no céu. As luzes estão todas apagadas. Segura isto aqui também. Cai, como chumbo sobre os meus ombros, uma pesada pasmaceira, e, mesmo assim, não quero dormir. Potestades, refreiem em mim os pensamentos amaldiçoados aos quais a Natureza dá passagem durante o repouso dos mortais. (*Ibidem*, p. 34)

Lennox acorda reclamando da noite que se passou, pela turbulência e a inquietação que sentiu com os ruídos:

Esta noite foi turbulenta. Onde dormimos, a ventania derrubou as chaminés. E (como dizem) ouviram-se lamentações no ar da noite, estranhos gritos de morte, e profecias, de téticas pronúncias, demedonhas combustões, de eventos caóticos, recém saídos da casca, trazidos à luz em tempos infaustos. (*Ibidem*, p.46).

É durante a escuridão da noite que ocorrem os homicídios e a aparição do sobrenatural, com figuras e ruídos estranhos. No quarto ato, quando estão juntos Macbeth, as bruxas e Hécate, temos a impressão de que eles estão em uma caverna assombrada que tem aparições, som de trovões, imagens estranhas e sombrias. A noite tem papel preponderante na trama, a morte do rei Duncan ocorre em uma noite sombria. Banquo é outro personagem que morre quando não há luz. Macbeth, que deseja a morte de Banquo, espera ansioso pela noite para que os três assassinos que ele contratou o matem:

Vinde, Noite, vender-nos os olhos, selar o terno olhar deste Dia compassivo, e, com vossa mão invisível e de sangue sedenta, cancelaie fazei em pedaços este documento que a mim cerceia todos os movimentos. A luminosidade vai se turvando, e o corvo alça vôo vai para a mata escura. As boas criaturas do Dia começam a desanimar e dormitam, enquanto os negros agentes da Noite atacam-se para suas presas (*Ibidem*, p.65-66).

É interessante notar que Macbeth acaba incorporando à sua fala os conjuros dos “emissários do mal” e de Lady Macbeth. Aos poucos, como sinal de sua decadência moral, o próprio herói vai se transformando em um praticante do mal, de acordo com aquelas imagens que a tradição medieval legara e que se encontram, principalmente, nas partes finais do diálogo de Jaime I, em que se alude a obscuros rituais, encontros noturnos em cenários desertos, etc.

A escuridão transmite ao leitor o efeito sombrio da peça, e é neste período que as mortes ocorrem. Macduff, insatisfeito com o governo e perseguido pelo rei Macbeth, nos faz uma observação sobre a situação caótica vivida pela sociedade da Escócia: “Sangra, sangra, pobre pátria (*Ibidem*, p.99)”, demonstrando o momento caótico que a população vivenciava no reinado devido à

usurpação de Macbeth que, além do mais, levará toda a nação ao sofrimento e à guerra civil, que só terminará com a morte do tirano usurpador e a restauração da ordem pelas mãos daqueles que, através de toda a ação, terão comprovado suas qualidades positivas (HELIODORA, 2005 p. 220).

Na peça shakespeariana, a caracterização do ambiente é inquietante e o leitor fica intrigado ao imaginar figuras sobrenaturais que surgem no decorrer da peça, como feitiços, aparições e

as trevas, as luzes e cores que as iluminam, a tempestade que as atravessa, as imagens dramáticas descomunais – conspiram ao lado da aparição das bruxas e do espectro para infundir horror, e, em alguma medida, também um pavor sobrenatural. (BRADLEY, 2009, p. 259)

Spurgeon, que dedica todo um estudo à imagística na obra de Shakespeare, assinala que “a luz representa a vida, a virtude e a bondade; e a escuridão, o mal e a morte” (2006, p. 309). Macbeth pensa que somente na escuridão os atos maléficos podem ser realizados. Em duas passagens da obra ele e sua mulher fazem invocações à escuridão:

Vem, noite tenebrosa e veste a mortalha dos mais pardacentos vapores do Inferno, que é para minha fina afiada faca não ver ferida que faz, que é para afiada faca não ver a ferida que faz, que é para o Céu não poder espiar através da coberta de escuridão (SHAKESPEARE, 2004, p. 26).

Quando Macbeth tem a visão do punhal, ele demonstra sua angústia sobre o assassinato, e o fantasma de Banquo aparece quando ele fica inquieto, ao saber que seu filho Fleance fugiu, e que sua fuga representa ameaça ao seu reino. Lady Macbeth, ao ver suas mãos ensanguentadas, relembra seu impacto ao entrar no quarto do rei e vê-lo morto e esta imagem forte fica em sua mente. Quando ela aparece no último ato, se encontra em um estado de loucura, tentando tirar o sangue de suas mãos. Nas palavras de Bradley (2009, p. 257):

Podemos dizer mesmo o negrume paira sobre toda a tragédia. É notável que quase todas as cenas que mais prontamente vêm a memória aconteçam seja à noite, seja nalgum local sombrio. A visão do punhal, o assassinato de Duncan, o assassinato de Banquo, o sonambulismo de Lady Macbeth, tudo isso acontece em cenas noturnas.

Para Bradley (2009, p. 268), Lady Macbeth é um “demônio, inabalável”, ela é tão diabólica que nega o próprio sexo, evocando os espíritos do mal para tirar sua fragilidade feminina para conseguir alcançar seu objetivo. Lady Macbeth inicia seu processo de infortúnio, pela falta de imaginação e, segundo Bradley (2009, p. 20), por “mexer com essa força (espíritos do mal), os seres humanos sequer imaginam do que serão capazes e quais as consequências desse ato”. Como já salientamos, Lady Macbeth ajuda seu marido, encorajando-o e guiando em determinados momentos, e quando o trono é conquistado, ele continua a caminhar sozinho deixando sua esposa de lado, pois não precisa mais do impulso de sua coragem. Em *Macbeth*, a atmosfera da noite tem em si a representação da alma de seus personagens, obscura e sombria. E esta sombra vai ganhando, ao longo da tragédia, dimensões inauditas. É como se uma longa noite se abatesse sobre a Escócia desde o primeiro instante, na planície deserta sobre a qual ribombam os trovões e prorrompem os relâmpagos.

Como dissemos, o encontro de Macbeth com as bruxas no pântano desencadeia toda a ação. De acordo com o que entendemos em Heller (2005, p. 20), o surgimento das *Estranhas Irmãs* sinaliza uma transformação política, em que o governo do monarca legítimo será substituído pelo de um tirano implacável. Macbeth usurpa a coroa e governa a Escócia. Sendo assim, os eventos incomuns e a presença do sobrenatural, para

a autora, ocasionam “males políticos presentes ou indícios de uma futura mudança histórica” (HELLER, 2005, p.20). A autora não lê a presença do sobrenatural em Shakespeare como um elemento religioso. Pelo contrário, tal presença é lida numa chave política.

Sendo a atmosfera sombria um destaque para as cenas cruéis, Bloom (2000) caracteriza Macbeth como um assassino em série, depois do primeiro assassinato ele não para mais. O rei Duncan é a primeira vítima do tirano, sua bondade é grande e como o rei é bom, ele reconhece a bravura de Macbeth em combate e decide honrá-lo com o título que foi tomado de um traidor, traidor este que Macbeth matou em batalha. Num hábil manejo da ironia dramática, o título de “traidor” apenas muda de mãos. Para o crítico polonês Jan Kott a peça é a tragédia do assassinato, após o assassinato do rei ocorre uma sucessão de crimes, a morte de Duncan desencadeia a carnificina de Macbeth: “Em *Macbeth* há somente um tema: o assassinato. A história é reduzida à sua forma mais simples, a uma única imagem, a uma única divisão: entre os que matam e os que são mortos”.(KOTT, 2003, p. 93). O assassinato transformou Macbeth, ele mata para ter a coroa e para provar sua virilidade à esposa, depois mata de novo para não perder o trono e por medo. Com este ato, ele tenta se encontrar, se reafirmar como homem. Segundo Kott (2003, p. 96) ele “escolheu entre o Macbeth que tem medo de matar, e o que matou. Mas o Macbeth que matou é outro: ele sabe não apenas que se pode matar, mas que se deve matar”. Caroline Spurgeon (2006, p. 213) afirma que o vasto oceano verde a que Macbeth se refere depois de assassinar o Duncan pode ser entendido como uma metáfora do sangue derramado de um bom rei, e este sangue irá se alastrando pelo reino, pelo mundo, num processo sem retorno:

Os sentimentos de medo, horror e dor são ampliados pelas imagens constantes e recorrentes de sangue; essas imagens são muito marcantes e já foram notadas por outros, especialmente Bradley, sendo a mais terrível a descrição que faz Macbeth de si próprio a andar em um rio de sangue, enquanto a mais provocante para a imaginação, quiçá em toda obra de Shakespeare, é a descrição dele olhando, rígido de horror, as próprias mãos, e vendo-as tingir de vermelho todo o vasto oceano verde.

Inicialmente é Macbeth quem sofre com a culpa, é ele quem não consegue esquecer o assassinato:

Mas então, meu marido, porque te manténs sozinho? Aí estás, transformando em companhias as tuas mais lastimáveis fantasias, entretendo esses

pensamentos que deveriam ter movido com aqueles de que agora se ocupam. Coisas para as quais não há remédio não devem ser contempladas. O que está feito está feito.” (SHAKESPEARE, 2004, p.63).

Este sentimento de culpa o leva a continuar a matar para tentar esconder seu primeiro homicídio. Ele “deve, enfim, matar todo mundo, pois todo mundo está contra ele” (KOTT, 2003, p. 91).

Heliodora ressalta que, em *Macbeth*, a maldade ocorre por meio da inversão de valores e as transgressões da natureza, esta inversão e transgressão se confirmam com o assassinato de Duncan por Macbeth e ele transgride a lei natural de três formas: “Mata um rei, um parente e um hóspede. Incluindo a vítima nas três categorias, Shakespeare faz o crime de Macbeth atingir a ordem do Estado, da família e da sociedade” (HELIODORA, 2004, p. 170). O mal está sempre presente no universo humano e em Macbeth ele se instaura após o assassinato do rei. Macbeth inverte o significado da vida, seu comportamento humano percorre o caminho da maldade com a ilusão de alcançar o poder, e que este o tornaria um homem feliz:

Macbeth não só fica isolado no poder, com um número de inimigos que aumenta a cada crime, como o seu fim (mesmo que morra em combate) vem com a descoberta de que tudo o que fez foi em vão, porque a vida que passou a viver, ao invés da coroação gratificante de sua ambição, tornou-se absolutamente vazia e sem sentido (HELIODORA, 1998, p. 140).

As atitudes de Macbeth em sua busca pelo poder o tornam um ser frio, destituído de caráter, se transformando em um ser sem escrúpulo distante das leis morais e da justiça. Shakespeare proporcionou a livre escolha do bem e do mal em seus personagens e de tal forma deve sofrer as consequências de seus atos. Heller (2005, p. 23) salienta que “as personagens shakespearianas nunca são previamente formadas: elas deslizam para baixo ou ascendem; mudam de atitude; podem estar alienadas em si mesmas”. Macbeth de homem honrado e admirado se tornou usurpador e sanguinário.

Desde o início de *Macbeth* percebemos a desarmonia do mau governo, o protagonista é cindido em si mesmo e ele é o seu próprio inimigo, pois há algo em si maior que ele mesmo e que faz com que suas ações desencadeiem sua derrocada, o levando ao fim trágico e sem volta:

Macbeth não só fica isolado no poder, com um número de inimigos que aumenta a cada dia, como o seu fim (mesmo que morra em combate) vem com a descoberta de que tudo o que fez foi em vão, por que a vida que passou a viver, ao invés de coroação gratificante de sua ambição, tornou-se absolutamente vazia e sem sentido. (HELIODORA, 1998, p. 140)

Shakespeare mostra Duncan, ao contrário, como um bom governante, rei que “sempre vestiu seu manto real com tanta humildade, sempre tão honrado em suas decisões de governante”(SHAKESPEARE, 2004, p. 30).

A vingança de Macduff parece limpar o país da maldição que o tirano desencadeou. As referências e queixas de personagens demonstram que a terra sofria pela violência de seu monarca e seus atos interferem na vida de seu povo, que perece pela má atuação de um mau governo.

Ó nação miserável, governada por um Tirano sem direito ao trono, Tirano que carrega na mão um cetro coberto de sangue, quando tu verás tuas áureas épocas novamente? Quando o herdeiro legítimo de teu Trono, por interdição por ele mesmo decretada, apresenta-se como um condenado e atira blasfêmias contra sua própria estirpe? (SHAKESPEARE, 2004, p. 103).

Malcolm pondera sobre as qualidades de um bom rei, numa longa cena que pode ser considerada um pequeno tratado sobre as virtudes esperadas do governante: “As virtudes adequadas a um Rei, tais como justiça, veracidade, temperança, equilíbrio, generosidade, perseverança, compaixão, humildade, devoção, paciência, coragem, firmeza..”(SHAKESPEARE, 2004, p. 102). Estas características não são encontradas em Macbeth, ele não consegue manter a harmonia do Estado, mantendo em seu reino somente ódio e sangue, destruindo o amor de uma nação. Os males do mau governo de Macbeth são relatados:

Ele sente seus assassinatos secretos suando-lhe as palmas das mãos. Noutro segundo, são seus súditos, insurgindo-se a toda hora e censurando sua perfídia. Os que estão sob seu comando movem-se por obediência, e não por amor. E ele começa a sentir que seu título pende, frouxo, sobre sua pessoa, como o manto de um gigante sobre um ladrão maníaco (SHAKESPEARE, 2004, p. 117).

O comportamento do monarca atinge seus súditos, eles se vêem obrigados a respeitar seu soberano por obediência apenas, mesmo desaprovando sua conduta, eles são subordinados, sofrendo descasos e violências por parte desse mau governo. O Estado precisa de um rei que mantenha sua ordem estável e, no entanto, vemos em Macbeth sua vontade e ambição entrarem em conflito com esta ordem de estabilidade,

pois o indivíduo busca a satisfação de seus intentos pessoais e não do bem comum. É possível notar a todo o instante os fulcros do embate de Macbeth com seus sentimentos ele demonstra uma “Fúria destemida, mas o certo é que ele não consegue mais controlar as rédeas de sua desnorteada situação”(*Ibidem*, p. 116).

Macbeth é soberbo, arrogante e debocha de seus adversários em suas batalhas “És nascido de mulher. E eu zombo de espadas, dou risadas de escárnio diante de armas que são brandidas por homem parido por mulher”(*Ibidem*, p. 128). Ele menospreza o seu destino e tripudia seus adversários com a ilusão e excessiva confiança nas palavras das *Estranhas Irmãs*. No entanto, ele tem uma surpresa ao entrar em batalha com Macduff que lhe diz “Desespera-te com teu feitiço, e permite que te diga o próprio Anjo de quem és escravo: “Do ventre de sua mãe Macduff foi arrancado à força, antes do tempo”(*Ibidem*, p. 130). A excessiva confiança de Macbeth o engana e chega ao fim o reinado do tirano. Ele finalmente percebe seus equívocos e vê o seu fim: “ Não existe final feliz para o indivíduo onde há mau governo”. (HELIODORA, 1998, p. 75). E a Escócia tem a reintegração da paz com uma nova coroação. Malcolm se torna o novo rei.

A ambição de Macbeth pelo poder comprometeu o país, afetando todos os governados. Macbeth tenta desesperadamente buscar um sentido em sua vida quando alcança o poder, mas somente quando se depara com a morte, que é a última libertação do homem, ele parece encontrar a paz que buscava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo o estudo da presença do feminino e o papel relevante que ele desempenha na obra *Macbeth*, como fatores preponderantes para as ações do herói. Nesta peça, fica evidente a determinação das ações de Macbeth por meio de Lady Macbeth e as *Estranhas Irmãs*, levando-se em conta ainda os elementos do cosmo que representa, de certa forma, a alma do personagem que é negra e sombria. Outros elementos foram estudados também, como a sexualidade de Macbeth, falta de filhos e dubiedade de caráter do personagem, em que sua ambição e seus valores morais entram em confronto, e neste embate ocorre uma tensão psicológica que afeta Macbeth e sua esposa: “O crime não une marido e mulher em seu triunfo. Pelo contrário, o crime os separa implacavelmente”. (HELIODORA, 2004, p. 175). Quando chega ao poder, Macbeth não consegue parar com os assassinatos, por isso se torna um rei tirano ao usurpar coroa. Segundo Heliodora (2001, p. 117), Macbeth é “aquele que carrega em si o bem e o mal de cujo conflito nascerá a tragédia”. Ele sofre por suas aflições e pelo paradoxo que se envolveu, se vendo encurralado diante de cometer ou não o ato de assassinar o rei da Escócia. Shakespeare cria nesta peça uma atmosfera com uma agitação cósmica que intensifica os conflitos e as ações das personagens.

Lady Macbeth, no início da peça, surge com uma determinação avassaladora que sobredetermina a de seu marido, deixando-a em uma posição de comando e invertendo os papéis da relação. No entanto, no desenrolar da peça, Lady Macbeth enlouquece e Macbeth se torna cada vez mais feroz e sangrento em suas batalhas. Ao instaurar a coragem e tirar “o leite da bondade humana” de Macbeth, ele não precisa mais dela, a presença feminina já não é mais necessária, pois ele adquiriu a maldade em si mesmo. Com a posse da coroa, ele caminha sozinho na peça, planejando seus atos sem a ajuda dela ou das bruxas, por não mais necessitar de sua coragem. Com o poder e o desejo concretizado, o casal se distancia e “os laços amorosos entre os dois se afrouxaram”. (BRADLEY, 2009, p. 292). Sendo assim, Lady Macbeth chega ao estado decadente pelo afastamento sexual e afetivo de seu marido, a consciência que aflora após a morte do rei traz à tona o seu sentimento de fracasso ao chegar ao poder que tanto almejava.

Eles entram em conflito por pensarem em seus atos. A felicidade e o poder que buscavam transfigura-se em horror pela consciência que é despertada, e se conscientizam da maldade que foram capazes de executar. Para Barbara Heliodora (2004, p. 171), Lady Macbeth “é um complemento de Macbeth, a parte negativa da sua ambivalência”, o que a autora chamou de “consciência do mal”. Segundo a autora “Shakespeare desenha para o fim de Macbeth, um fim de tristeza, solidão e desencanto” (HELIODORA, 1998, p. 140).

Ressaltamos que, mesmo sendo ferozes os argumentos de Lady Macbeth e os presságios das *Estranhas Irmãs*, Macbeth não executaria suas ações se não tivesse dentro de si a vontade de cometê-las. As bruxas não dizem a ele para matar Duncan, é ele e sua esposa que decidem por este caminho. Diferentemente das tragédias clássicas, os heróis de Shakespeare tem livre arbítrio e podem se questionar, refletir e decidir sobre seus atos. Macbeth faz sua escolha e sofre as consequências de seus atos, sendo ele responsável pelo seu destino. O sentimento de medo que o fez recuar de início é completamente esquecido ao ser tomado pela maldade humana em seu ser. Ele age com deslealdade com seu rei e a inversão de valores que corrompe de início Lady Macbeth é transpassada a ele, acreditando que suas ações seriam apenas para adiantar um futuro certo. Ele se esquece de seus valores e escrúpulos por meio da instigação de sua esposa que não mede suas provocações ao se referir ao marido como um covarde. E sua sexualidade que o impulsionara e o levava a cometer seus crimes para provar a esposa sua coragem, bravura e amor “O caráter expedito de meu amor violento correu na frente da Razão” (SHAKESPEARE, 2004, p. 49).

Percebemos ainda que o conflito na peça se intensifica na mente de Macbeth, quando comete o ato, desencadeando assim a consciência perturbada do personagem que sente angústia em meio à busca pela sua felicidade, chegando um determinado momento de sua existência em que ele se perde em meio a sua própria busca equivocada.

O bom governo de Duncan, que Shakespeare ressalta no início da peça, é contrastado com o mau governo de Macbeth, que não consegue manter a harmonia do Estado, tentando sobrepor seus interesses aos do bem comum da comunidade. Ao buscar seus intentos pessoais, o governante provoca uma revolta em seus súditos, ocasionando um abalo no sistema sociopolítico. A tirania de Macbeth levou a Escócia ao sofrimento. A morte de Macbeth encerra o mal na Escócia, e por meio dela a ordem do Estado é restabelecida.

A relevância do mal em Macbeth nos leva a refletir não somente sobre suas ações de ambição e usurpação, mas também sobre o destino que o homem busca a qualquer preço para alcançar o poder. As ações do ser humano nos revelam o que ele é capaz de fazer, e a ambição de Macbeth nos leva a refletir sobre o destino do ser humano como consequência de seus atos.

REFERÊNCIAS

BLOOM, Harold. *Shakespeare: A invenção do humano*. Trad. José Roberto O'Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

_____. *O cânone ocidental*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BURGESS, Anthony. *A literatura inglesa*. Trad. Duda Machado. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002

BRADLEY, A. C. "A substância da tragédia shakespeariana" In: *A Tragédia Shakespeariana*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

HELIODORA, Bárbara. "Introdução". In: SHASKESPEARE, William. "Macbeth". Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

_____, *Falando de Shakespeare*. São Paulo: Editora Perspectivo, 1998.

_____, *Reflexões shakespearianas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

_____, *O homem político em Shakespeare*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

HELLER, Agnes. "O que é natureza? O que é natural? Shakespeare como filósofo da História. Tradução: Helvio Gomes Moraes Jr. Campinas, SP: Revista Morus – Utopia e Renascimento, 2005.

_____. *The Time is out of joint: Shakespeare as philosopher of history*. 2002.

KOTT, Jan. *Shakespeare, nosso contemporâneo*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.

LESKY, Albin. "Do problema do trágico". In: "A tragédia grega". São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.

MAQUIAVEL. *O Príncipe*. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MOURTHÉ, Claude. *Shakespeare*. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SHAKESPEARE, William. *Macbeth*. Trad. Beatriz Viégas Faria. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 2004.

SPURGEON, Caroline. *A imagística de Shakespeare*. Tradução Bárbara Heliadora. São Paulo: Martins Fontes, 2006.